

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

KARINE NATHÁLIA PEREIRA BIBIANO

ATRAVSSAMENTO:
Crônicas de uma pandemia

Mariana
2022

KARINE NATHÁLIA PEREIRA BIBIANO

ATRAVSSAMENTO:
Crônicas de uma pandemia

Memorial do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de bacharela em Jornalismo
pela Universidade Federal de Ouro Preto.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Augusto Orlando

Mariana
2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

B581a Bibiano, Karine Nathalia Pereira.
Atravessamento [manuscrito]: crônicas de uma pandemia. / Karine
Nathalia Pereira Bibiano. - 2022.
53 f.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Augusto Silveira Orlando.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Instagram (Firma). 2. Crônicas brasileiras. 3. Doenças
transmissíveis. 4. Jornalismo. 5. Literatura eletrônica. 6. Redes sociais on-
line. I. Orlando, Ricardo Augusto Silveira. II. Universidade Federal de Ouro
Preto. III. Título.

CDU 821.134.3(81)-94

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário ICSAUFOP-CRB6a1407



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Karine Nathália Pereira Bibiano

Atravessamento: crônicas de uma pandemia

Memorial descritivo do trabalho de conclusão de curso, na modalidade produto, apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharela

Aprovada em 14 de janeiro de 2022.

Membros da banca

Prof. Dr. Ricardo Augusto Silveira Orlando - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça (Universidade Federal de Ouro Preto)

Ricardo Augusto Silveira Orlando, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 25/01/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Augusto Silveira Orlando**, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR, em 25/01/2022, às 17:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0269265** e o código CRC **75C412BE**.

Dedico esse trabalho a todas as vítimas da Covid-19 e suas famílias.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e irmãos, por todo apoio e auxílio nessa caminhada.

Aos meus amigos, que sempre estiveram ao meu lado.

À Mariana Matias, pela amizade, e por ter contribuído com a identidade visual do trabalho.

À Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) pelo ensino de qualidade e por terem me proporcionado visões diferentes do mundo.

Aos professores, por todo aprendizado e experiências compartilhadas.

À Rádio Ufop, Assessoria de Comunicação Institucional (ACI) e ao Mais Minas pela oportunidade de aprender mais.

Ao Ricardo, meu orientador, por todo apoio, paciência, ensinamentos e motivação.

A Ouro Preto, por todas as experiências, boas e ruins, que me proporcionaram aprendizados e histórias para contar.

A todas as pessoas que me acolheram nessa cidade, mesmo que hoje estejamos distantes.

RESUMO

Esse memorial apresenta o produto “Atravessamento: Crônicas de uma pandemia”, trabalho experimental criado para a conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. “Atravessamento” é um perfil na plataforma Instagram (@atravessamento_), usado para publicar e compartilhar quinze crônicas escritas sobre a pandemia da Covid-19. Essas crônicas abordam, principalmente, sentimentos e situações que nos atravessaram durante esses quase dois anos de pandemia, em que fomos submetidos a uma realidade completamente nova e nada agradável. O perfil tem como objetivo registrar esses momentos e, principalmente, os sentimentos compartilhados por quem os viveu, por meio da crônica – esse gênero de escrita coloquial, solta, que fala do cotidiano. Um perfil no Instagram foi a maneira encontrada de experimentar modos contemporâneos de se fazer a crônica e outros tipos de mídias que complementassem seus temas, além de ser uma plataforma acessível, de fácil propagação e que está perto de todos.

Palavras-chave: Crônica; Pandemia; Redes Sociais; Instagram; Jornalismo; Literatura.

ABSTRACT

This memorial presents the product “Crossing: Chronicles of a Pandemic”, an experimental work created for the conclusion of the Journalism course at the Federal University of Ouro Preto. “Atravessamento” is a profile on the Instagram platform (@atravessamento_) which is used to publish and share fifteen chronicles about the Covid-19 pandemic. These chronicles mainly address feelings and situations that we experienced during these nearly two years of pandemic, in which we were subjected to a completely new and not pleasant reality. The profile aims to record these moments and, mainly, the feelings shared by those who lived them, through the chronicle – this kind of colloquial, loose writing, which speaks of everyday life. An Instagram profile was the way found to experiment with contemporary ways of chronicling and other types of media that complemented their themes, as well as being an accessible platform, easy to propagate and that is close to everyone.

Keywords: Chronicle; Pandemic; Social networks; Instagram; Journalism; Literature.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O NASCIMENTO DA CRÔNICA	12
2.1 Entre Jornalismo e Literatura	13
2.2 As principais características	15
3. A CRÔNICA NO DIGITAL	22
3.1 Suportes digitais	25
4. A PANDEMIA	28
5. ATRAVESSAMENTO: CRÔNICAS DE UMA PANDEMIA	34
6. PROPOSTA EDITORIAL	39
6.1 As crônicas e as artes do perfil	42
7. ANÁLISE DE RESULTADOS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

1. INTRODUÇÃO

A pandemia tem afetado a vida do planeta como um todo há quase dois anos. A realidade se modificou e fomos privados do mais básico de nossa existência: a liberdade. Mas não só isso. Passamos por diversas situações que nos atravessaram, tivemos que praticamente reaprender a viver em um novo mundo, muito estranho para nós. Aqui no Brasil a situação foi ainda mais caótica com toda a má administração da pandemia. Sair de casa era um risco, não usar máscara ou não limpar tudo com álcool em gel também. Abraçar as pessoas que amamos era praticamente proibido – talvez por uma questão de bom senso. O medo se tornou algo constante. Foi e tem sido assustador viver esse período, vendo a cada dia um número alto de mortes (chegamos a atingir mais de 4 mil diariamente)¹. Tivemos que aprender todo dia a lidar com as limitações, desafios e todos os sentimentos que nos atravessaram durante uma pandemia que ficará marcada na história.

Por isso eu queria, de alguma forma, registrar esse momento. Falar sobre o cotidiano e os sentimentos que nos assolaram de uma forma mais íntima, pessoal. Um “olhar de dentro” do furacão, enquanto ainda estávamos nele. Como uma forma de deixar emoldurado um algo que pudesse, lá na frente, fazer com que alguém entendesse e lembrasse um pouco o que sentimos. E a crônica foi o modo que escolhi para fazer isso. Neste trabalho, trato um pouco deste gênero, de sua história e surgimento, desde a Idade Média até como a conhecemos hoje. Falo sobre como ela chegou aos jornais e como permaneceu e como se deram alguns de seus processos de mudança e aprimoramento. Também apresento suas características mais relevantes como o humor, a ironia, a simplicidade, o coloquialismo, a aproximação com o leitor e como ela é despretensiosa.

A internet surgiu e a crônica continuou seu caminho, se adaptando a esse novo formato. Os e-mails, os blogs e outras redes sociais como o Facebook, que nasceram mais recentemente, também demonstraram ser ótimas plataformas para se exercer o gênero. Muitos escritores têm utilizado das redes sociais – para além de suas colunas em jornais digitais – para propagar suas opiniões, observações e sentimentos acerca do nosso mundo. O Instagram tem sido uma boa ferramenta para esses autores, já que é uma plataforma que consegue atingir muitas pessoas, e possui formas simples e diretas de interação.

¹ CARVALHO, Marco Antônio. Brasil tem segundo dia com mais de 4 mil mortes por Covid-19 em 24 horas. Estadão, 08/04/2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-tem-segundo-dia-com-mais-de-4-mil-mortes-por-covid-19-em-24-horas,70003675363>.

Meu trabalho consistiu em criar um perfil no Instagram (@atravessamento_) para compartilhar quinze crônicas de minha autoria, fazendo também uma troca de experiências, sentimentos e aprendizados com meu público, experimentando a plataforma e formatos para a produção que, ao mesmo tempo, mescla o jornalístico e o literário.

2. O NASCIMENTO DA CRÔNICA

A crônica é um gênero textual antigo, que existe desde a Idade Média, e que passou por transformações e adaptações com o decorrer dos séculos. Seu nome veio da Mitologia Grega, relacionada a Chronos, o Deus do Tempo. E “tempo” é uma das primeiras características que fazem parte da crônica. Em Portugal, ela era um texto que servia para registrar os principais acontecimentos e feitos dos reis e imperadores, sem aprofundamento, opinião ou reflexão (AMARAL, 2008). Em 1418, na transição para o Renascimento, Fernão Lopes foi nomeado como cronista-mor da Torre do Tombo, onde ficavam arquivados os documentos do Reino. Após a nomeação, a crônica recebeu mais valor e a profissão de cronista passou a ser realmente reconhecida, tornando-se um trabalho remunerado. A partir disso, vários outros cronistas surgiram (BENDER; LAURITO, 1993, p.12).

Em 1500, quando os portugueses chegaram às terras brasileiras pela primeira vez, trouxeram consigo sua literatura. A carta que Pero Vaz de Caminha escreveu para o rei de Portugal, contando o que tinha encontrado aqui, marcou o início do nosso processo literário em língua portuguesa, pelo menos no que diz respeito à estruturação. Sá (2005, p.6) diz que “a observação direta é o ponto de partida para que o narrador possa registrar os fatos de tal maneira que mesmo os mais efêmeros ganhem uma certa concretude”. E foi isso que Caminha fez de forma brilhante. “Indiscutível, porém, é que o texto de Caminha é a criação de um cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes”. (SÁ, 2005, p.5)

Transformar os fatos mais simples em algo concreto é o que assegura que a crônica não caia no esquecimento. Essa concretude lembra aos leitores que a realidade é feita de pequenos momentos, seja ela de acordo com o que conhecemos ou como ela foi recriada por meio da arte. A partir disso, Caminha é quem consumou o princípio básico da crônica: o registro do circunstancial (SÁ, 2005, p.6). Essa e as outras cartas escritas por Caminha são crônicas no sentido mais tradicional, como um relato cronológico, já que narravam e registravam o que acontecia na “terra descoberta”.

Como diz José Marques de Melo (2002, p.140) em “Jornalismo e Literatura”, a crônica histórica é mais um relato circunstanciado sobre feitos, cenários e personagens, escrito com base na observação do cronista, ou então por meio de informações que ele coleta dos protagonistas ou das testemunhas oculares das situações. O cronista tinha a intenção de

“resgatar episódios da vida social para o uso da posteridade”, impedindo que as histórias se perdessem no tempo, como destaca Melo lembrando de Heródoto.

2.1 Entre Jornalismo e Literatura

“Da História e da Literatura, a crônica passa ao jornalismo, sendo um gênero cultivado pelos escritores que ocupam as colunas da imprensa diária e periódica para relatar os acontecimentos pessoais” (MELO, 2002, p. 141). A crônica é um gênero híbrido, que se encontra na interseção entre literatura e jornalismo, isso porque, com a imprensa sendo amplamente difundida no século XIX, a crônica passou a ser incorporada e adaptada aos jornais. Essa mescla começou nos jornais franceses. Na França, eram chamados de *feuilletons*. Com o tempo esse modelo foi se espalhando pelo mundo e ganhando outros formatos. Chegando ao Brasil, recebeu o nome de folhetim e, a partir dele, a crônica começou a ser como a conhecemos agora.

Existem algumas versões sobre o início do folhetim no Brasil ou em qual veículo ele começou. O debate inclui diversos teóricos como Antonio Candido e Jorge de Sá, por exemplo. Cada um tem sua teoria. Uma questão indiscutível é que ele começou nos jornais impressos como uma seção quase informativa da semana ou do dia e vinha na parte inferior da página, ocupando mais ou menos metade dela. Escritos por poetas e ficcionistas, eram pequenos contos, artigos, ensaios, poemas em prosa, ou qualquer outro gênero que trazia assuntos um pouco mais leves. Por isso o conto, a crônica, a novela, no princípio, ocupavam esse lugar “separado”. Os escritores mandavam seus textos para o jornal pois assim conseguiam dinheiro, notoriedade, e mais oportunidades de profissionalização.

Segundo Sá (2005), o jornalista Paulo Barreto foi quem revolucionou os folhetins. Barreto percebeu que era preciso uma nova forma de escrever histórias devido à modernização da cidade. Com isso, em vez de ficar na redação e esperar que alguém o informasse sobre os acontecimentos, ele mesmo decidiu ir para a rua investigar e dar mais vida aos seus textos.

“(…) subindo morros, frequentando lugares refinados e também a fina flor da malandragem carioca, João do Rio (seu pseudônimo mais conhecido) construiu uma nova sintaxe, impondo a seus contemporâneos uma outra maneira de vivenciar a profissão de jornalista. Mudando o enfoque, mudaria a linguagem e a própria estrutura folhetinesca” (SÁ, 2005, p.7).

Com essa mudança de comportamento, João do Rio, o pseudônimo mais famoso de Paulo Barreto, é quem se consagrou como nosso primeiro cronista mundano. João do Rio passou a inventar alguns personagens, dando uma roupagem mais “literária” à crônica, mas sem perder o seu caráter jornalístico.

Com mudanças na imprensa, esse modelo de folhetim foi desaparecendo e dando lugar à crônica. Ela foi considerada pelo cronista contemporâneo Luís Martins como um “folhetim que encurtou”, já que passou a ser menor e mais sucinta que o folhetim, economizando espaço. Outra mudança é que, enquanto o folhetim falava sobre vários assuntos em um só, a crônica geralmente focava em um assunto específico. Ela também ganhou mais destaque e passou a ocupar qualquer uma das páginas, em um espaço destacado e com título, que geralmente definia o assunto que ela iria abordar (BENDER; LAURITO, 2005, p.23).

Na medida que encurtava, ela ganhou um ar despreocupado. Também foi deixando de lado a intenção de informar e comentar sobre pautas jornalísticas, passando a ser um texto mais divertido. E uma de suas grandes características era a utilização do humor. A linguagem ficou mais leve, o tom mais coloquial, e se afastou de vez da argumentação ou da crítica, ficando mais próxima do lirismo. Como indica Antonio Candido (1992, p.14), “a fórmula moderna, na qual entra um fato miúdo e um toque humorístico, como seu quantum satis de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma”.

De acordo com Sá (2005) por ser escrita para ser publicada em jornais, a crônica sofreu algumas limitações. Diferente da carta de Caminha, que era destinada apenas para um leitor, a crônica passou a possuir um público: os leitores do jornal. Além de se dirigir a um grupo específico de pessoas, ela também sofreu por ter que corresponder aos interesses dos consumidores daquele determinado veículo, ao interesse dos proprietários e também dos editores e chefes de redação. Outra limitação é o espaço, já que ela compete na página com outras matérias e reportagens e, assim, possui um número de caracteres específicos para preencher. Apesar de sua limitação, Sá (2005, p.8) afirma que “é da economia de detalhes que nasce a riqueza estrutural”.

Por não perder sua validade de um dia para o outro, com assuntos que continuariam sendo relevantes por tempo indeterminado, a crônica alcançou também os livros. Os cronistas passaram a selecionar suas melhores crônicas, que perdem suas características jornalísticas e se aproximam bem mais da literatura. Há também as crônicas que já nascem nos livros, mas isso não faz com que sejam menos crônicas.

Sendo a crônica uma soma de jornalismo e literatura (daí a imagem do narrador-repórter), dirige-se a uma classe que tem preferência pelo jornal em que ela é publicada (só depois é que irá ou não integrar uma coletânea, geralmente organizada pelo próprio cronista) (SÁ, 2005, p.7).

Jorge de Sá (2005) faz uma analogia da crônica com uma tenda, quando publicada em jornais, e como uma casa sólida, ao fazer parte de um livro. No primeiro caso, ela é desmanchada a qualquer momento. Já no segundo, ela dura por muito mais tempo. O escritor, ao escolher quais textos vão para o livro, seleciona aqueles que não vão perder sua validade, pois são temas que podem ser lidos e relidos em qualquer ano, independente do tempo, e não perdem o seu sentido.

“Nessa seleção, que é feita como se a própria vida estivesse sendo passada a limpo, Rubem Braga elimina crônicas que envelheceram porque ficaram excessivamente ligadas a um acontecimento datado e situado (...), agrupando na coletânea aquelas que conservam o seu poder de provocar a nossa reflexão”. (SÁ, 2005, p.19).

2.2 As principais características

Em “A vida ao rés-do-chão”, Antonio Candido afirma que a crônica não é um “gênero maior”, ao contrário, ela parece mesmo um gênero “menor”. Por ter uma linguagem mais simples, escrita muitas vezes de forma coloquial, que não se prende a muitos padrões, não possui construções muito complexas de personagens. Por ser escrita sobre o cotidiano, sobre coisas mundanas. Por ter se concretizado nos jornais e ter, muitas vezes, uma vida tão breve, é vista como um gênero mais fácil do que o romance, por exemplo. Durante muitos anos ela foi vista como um gênero “à margem”. Mas ser simples não quer dizer que ela não tenha complexidade e valor. Não quer dizer que seja esvaziada de sentido, arte e literatura.

“Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição”. (CANDIDO, 1992, p.13-14)

Justamente por viver nos jornais, a intenção dos cronistas, a princípio, não era fazer com que a crônica tivesse uma vida muito longa, como no caso dos romances e dos livros. Como defende Antonio Candido (1992, p.14) “a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão”. Quer dizer, as demais áreas da literatura tinham um pouco de “magnitude do assunto e a pompa da linguagem”. A crônica consegue

pegar as coisas mais simples e transformá-las em algo grandioso, com beleza e singularidade, como diz Candido.

O autor também afirma que é com essa simplicidade que a crônica consegue praticamente transformar a literatura em algo íntimo da vida de cada leitor. Pois ela é, por vezes, muito próxima da realidade de cada um. Assim, é possível perceber que as crônicas que passam dos jornais para os livros possuem uma durabilidade muito maior do que se imaginava. “Num país como o Brasil, onde se costumava identificar a superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade, que atingiram o ponto máximo nos nossos dias” (CANDIDO, 1992, p.16).

Essa condição de residir no jornal fez com que a pressa de escrever juntasse com a de viver, como diz Jorge de Sá (2005). Como os acontecimentos são extremamente rápidos, é necessário que o cronista tenha um ritmo acelerado de escrita – quando o cronista escreve, em tempo real, o que observa. Devido a essa pressa, muitas vezes a crônica parece ser meio “desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito” (SÁ, 2005, p.11). A oralidade faz parte da crônica, o cronista recria as conversas que ouve, não como uma cópia, mas como reinterpretação. O coloquialismo a torna ainda mais próxima ao mundo real. “O dialogismo, assim, equilibra o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como o elemento provocador de outras visões do tema e subtemas que estão sendo tratados numa determinada crônica” (SÁ, 2005, p.11).

Um dos princípios básicos da crônica é o registro do circunstancial, ou seja, dos pequenos detalhes e acontecimentos do dia a dia e que passam despercebidos por qualquer pessoa, por serem quase insignificantes. Por meio do olhar apurado e da interpretação do cronista, contudo, se tornam muito além. Justamente porque o cronista traz a sua subjetividade ao texto, seu toque pessoal e sua visão do mundo.

“Com o seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante brevíssimo que também faz parte da condição humana e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples situação no diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias. Somente nesse sentido crítico é que nos interessa o lado circunstancial da vida. E da literatura também”. (JORGE SÁ, 2005, p.11)

No livro “Jornalismo e Literatura”, José Marques de Melo cita Victor Silva Lopes², que também fala sobre isso ao traçar um paralelo entre a crônica portuguesa e a crônica brasileira. Ele diz que a crônica brasileira demonstra ser um gênero opinativo que permite a interpretação subjetiva da realidade por parte do cronista, abrindo espaço para que o autor revele seus ideais, chegando, por fim, a uma conclusão. Lopes diz também que a ironia, o humor ou a dureza são tons que o cronista geralmente escolhe para conduzir seu texto.

Nuno Rocha³, outro autor citado por Melo (2002), diz que a crônica deve ter a opinião de quem escreve, que ela não pode ser vazia, sem destino, e que precisa ter algumas soluções. Soluções essas sobre as reflexões abordadas pelo escritor no decorrer da matéria. Rocha finaliza dizendo que as funções que a crônica deve exercer são “essencialmente pedagógicas, de esclarecimento e orientação”. Entretanto, essa afirmação parece conflitar um pouco com a já mencionada particularidade dela ser despretensiosa. Marcelo Coelho reafirma essa ideia ao defender que “a crônica vai sempre insistir na desimportância de tudo”, completando um pouco mais adiante: “muitas vezes a melhor crônica é a que justamente aponta para o fato de não ter assunto nenhum” (COELHO, 2002, p.156). Ele ainda cita Rubem Braga como exemplo, autor que possui inúmeras obras em que não acontece coisa alguma. Em outro trecho, ele compara a notícia e o artigo com a crônica, dizendo que esses primeiros possuem “o propósito de fazer o leitor se incomodar, tomar partido e exigir soluções” (COELHO, 2002, p.156), já a crônica tem o objetivo de não dar nenhuma resposta, ou não esperar nenhuma grande conclusão do leitor, talvez apenas um “pois é”.

O ponto de vista individual que o autor traz em seu texto, na maioria das vezes, não vai ter a pretensão de “educar” o leitor, esclarecer algo ou dar alguma orientação. Ele está apenas colocando para o mundo o que ele pensa e/ou sente a partir do que observou. Isso, contudo, não impede que o leitor tenha certa conexão com aquela visão e se sinta inspirado ou tocado, fazendo com que também reflita sobre o tema. Melo cita dois autores que falam desse aspecto: José Jorge Letria e José Goulão⁴ tratam da importância que a crônica possui na formação de correntes de opinião. Em comparação com a reportagem, que traz a vivência pessoal do jornalista, a crônica transmite sua reação pessoal e, muitas vezes, os leitores se identificam com essa reação, expressa por meio do humor, da ironia, da emoção e de qualquer outro sentimento.

² LOPES, Victor Silva – *Iniciação ao Jornalismo*, 2ª ed. Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1981, p.103.

³ ROCHA, Nuno. Editorial, crônica e funções do Director, In: PRAÇA, José; TEIXEIRA GOMES, José Maria – *Jornalismo ao vivo*. Lisboa. Encomendi, s/d. p.122-123.

⁴ LETRIA, José Jorge; GOULÃO, José. *Noções de Jornalismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

Marcelo Coelho, tendo em consideração que a crônica insiste na desimportância, faz ainda o paralelo com a notícia, cujo assunto é o principal e o jornalista preocupa-se mais em transmitir a informação do que em fazer literatura. Trata-se de “a todo custo, convencer o leitor de que determinado fato é importante, é crucial” (COELHO, 2002, p.156). Na crônica, o “assunto é o de menos”.

“Na notícia ou no artigo assinado, o propósito é fazer o leitor se incomodar, tomar partido, exigir soluções, etc. O jornal inteiro é feito para isso – e na crônica o objetivo tende a não suscitar nenhuma resposta exceto, talvez, um “pois é”, um “eis aí”. A notícia ou o artigo já expressam um ponto de vista. Tendem na verdade a confundir os fatos com o próprio ponto de vista. O propósito da crônica é fixar um ponto de vista individual, externo aos fatos, externo ao próprio jornal. Daí que a crônica seja feita também, com a intenção de ser publicada em livro depois” (COELHO, 2002, p.156-157)

Coelho cita o crítico e romancista Luiz Roncari, autor de “A estampa da rotativa na crônica literária”. Conforme Roncari, a crônica usa uma linguagem diferente, que foge dos padrões da notícia e que rompe com a rigidez e a uniformidade dos jornais, intensificando o lado pessoal do cronista. A partir dessa visão, Coelho alega que é possível eliminar alguns problemas de definição do gênero, já que substancialmente ela pode ser tanto ficção como não-ficção, lírico ou puramente humorístico, prosa ou verso. E que, com o que Roncari indica, a definição do gênero pode ser menos “descritiva” e mais “funcional”. Assim, cita Rubem Braga e Machado de Assis: o primeiro escreve textos que são praticamente um poema em prosa e o outro produz em muitas delas um ponto de vista irônico sobre vários assuntos, como eleições ou nós em gravata. O cronista fala de várias notícias, chamando a atenção para a insignificância das coisas, tanto de notícias reais, como da própria crônica, segundo Coelho (2002).

Rogério Menezes, por sua vez, aborda as relações entre a crônica, o romance e o jornalismo. Ele começa assim:

“O pano de fundo, a bem-urdida teia, que inspira e impulsiona tanto o jornalismo, quanto a crônica e o romance é a crua e nua realidade, com todas as cores e dores que lhe são peculiares. Essa inspiração tem sentido: nada, nem a mais desvairada ficção, é mais fascinante, mais rica e mais pródiga de sentidos, sentimentos significados, revelações e paixões que a vida real” (MENEZES, 2002, p. 163).

Para o escritor, a vida real é importante para a construção das narrativas, é ela a matéria-prima tanto da crônica, quanto do romance, quanto do jornalismo. Por mais que o romance às vezes use de uma fantasia, ele tem uma ancoragem no real. Grandes obras da

nossa literatura são primas, continua, pois tiveram a capacidade de mergulhar no mundo, na vida e no ser humano real, com todas suas particularidades. Obras antigas e novas, como diz, “escritas pela pena, outrora, e pelos teclados de computador, agora” (MENEZES, 2002, p.163).

Com isso, a grande diferença entre um gênero e outro é a maneira que o autor conta esse mundo real, como o expõe aos leitores. O jornalismo mais tradicional mostra, muitas vezes, a realidade apenas como registro dos fatos, sem tanto aprofundamento. Por exemplo: um homem roubou um banco na terça-feira e ainda não foi encontrado. Também dá preferência para o furo de reportagem, para a novidade, algo inédito ou surpreendente, por vezes, sem pensar no que está por trás do que aparenta ser. Há ainda o jornalismo opinativo, focado em mostrar um posicionamento frente a acontecimentos importantes. Ele tem o objetivo de formar conceitos e visões ou alertar o leitor sobre alguma situação. Diferentemente do jornalismo tradicional, a crônica faz o uso da realidade e do cotidiano, buscando ir além das aparências e do senso comum. “De Rubem Braga a Luís Fernando Veríssimo, passando por Machado de Assis a João do Rio, o olhar do cronista sobre o mundo é esse, de certo estranhamento, de tentar descobrir (e achar) as fissuras do real, o que parece invisível para a maioria das pessoas” (MENEZES, 2002, p. 165).

Portanto, é o mundo real que alimenta a crônica. O cronista precisa sair e andar pela cidade para ter inspiração e assuntos para escrever, muitas vezes, todos os dias. Segundo Menezes, sem esse alimento do real, o resultado acaba correndo o risco de ser apenas uma viagem de ego do escritor, tornando a crônica “oca e banal”. Entre assuntos “sérios” e “banais”, é preciso que o autor busque um equilíbrio, para que ela não seja demasiadamente pesada e/ou superficial.

Cada cronista possui o seu próprio estilo de escrita: alguns gostam de utilizar o humor, outros preferem a ironia, alguns se aproximam do poema, enquanto outros são mais reflexivos, ou então trazem um pouco de tudo. Claro que esses autores não ficam presos a um só estilo, tudo depende de suas inspirações e dos temas abordados. Mas é importante pontuar que a crônica é um gênero que permite essa liberdade de escrita. O humor e a ironia são grandes características dela, o que a faz se diferenciar de outros gêneros. Usar da ironia e do sarcasmo para transmitir uma ideia ou uma crítica também é parte da alma da crônica. Segundo Perez (s/d), Machado de Assis, por exemplo, utilizava da ironia para fazer críticas e denúncias à sociedade do século XX, entre elas, a escravidão. Já Carlos Drummond de

Andrade, João do Rio e Paulo Mendes Campos foram cronistas consagrados que utilizavam do lirismo para se expressar.

Fernando Sabino é um desses cronistas que buscam o pitoresco ou o irrelevante no cotidiano, e essa busca do pitoresco, segundo Sá, permite que o cronista consiga captar o lado engraçado das situações, “fazendo do riso um jeito ameno de examinar determinadas contradições da sociedade” (SÁ, 2005, p.23). A partir disso, Sabino abandona o diálogo direto com o leitor e transforma a narração em uma falsa terceira pessoa. Ou seja, o narrador vira um “personagem ficcional”, mesmo que a gente saiba que quem está narrando é sempre o próprio cronista. Sá (2005, p. 23) afirma que, com esse distanciamento como narrador em primeira pessoa, “Sabino fica mais à vontade para explorar o humor das situações que melhor exemplificam o lado tragicômico da realidade urbana”. Mesmo com humor, a crônica não perde seu caráter crítico. Algumas obras de Sabino como “A quem tiver carro” e “Para inglês ver” mostram esse lado. Ao mesmo tempo que são engraçadas e divertidas, trazem críticas ao país “cujo rumo parece perdido” (SÁ, 2005, p.24). Isso porque os textos mostram que até mesmo políticos passam a ser figuras de uma época em que tudo tem valor, menos o valor humano.

Sabino, por recriar situações que ele observa no cotidiano, descreve pessoas parecidas com alguém que conhecemos ou que já ouvimos falar. Isso aproxima a crônica do leitor, permitindo que ele consiga se ver naquele texto. Além de aproximá-la de uma estrutura dramática, o que permite que, segundo Sá (2005, p.24), Sabino explore “diálogos engraçados, irônicos e sem agressividade” (pois o autor não esquece que a característica básica da crônica é a leveza). Porém, mesmo leve, engraçada e irônica, carrega consigo uma crítica.

Jorge de Sá trata também do humor de Sérgio Porto e seu pseudônimo Stanislaw Ponte Preta. O próprio Porto se refere às suas crônicas “como “escritos levianos”, pois são “imprudentes” na medida em que desnudam o ridículo da coletividade a partir dos tipos aparentemente individuais” (SÁ, 2005, p. 36). E continua:

“Sem nenhum temor, o cronista denuncia as mazelas da imprensa, da criação “literária” a serviço do esvaziamento cultural e, principalmente, os equívocos de uma política que insiste em fazer do brasileiro um povo cordial, passivo, sem nenhum poder de conduzir seu próprio destino” (SÁ, 2005, p. 36)

Sá (2005) afirma que Ponte Preta coloca o dedo nas feridas da sociedade, mas sem perder a leveza. Seu humor conduz os leitores a uma reflexão, mas sem cansar. Ele oferece uma crítica “amena e contundente”. Sá explica ainda que o cronista dá aos leitores uma

válvula de escape (com humor, algumas vezes recriando piadas velhas) e ao mesmo tempo fala pelas pessoas que compartilham com ele da mesma indignação que “compõem o dia-a-dia brasileiro”. Nesse sentido, o autor diz que o humor do cronista é brasileiro pois com uma “linguagem moleque, rompe os padrões da norma culta e constrói uma linguagem nova, dinâmica e séria” (SÁ, 2005, p.37). Ou seja, o humor de Stanislaw é mais ácido que o de Sabino. Os dois possuem propostas diferentes, mas ainda assim não deixam de usar o humor, uma das características mais particulares das crônicas.

3. A CRÔNICA NO DIGITAL

Para Luis Eduardo Veloso Garcia, em sua tese “A Crônica Contemporânea Brasileira e Seus Novos Espaços” (2018), primeiro o gênero ganhou espaço na transposição dos jornais impressos para a web: por ser um texto menor, era mais fácil de fazer essa mudança, muito mais fácil que os textos mais extensos. As revistas online também ganharam seu espaço e adaptação e a crônica fez parte disso. De acordo com o autor, depois a crônica alcançou os e-mails, que eram uma ferramenta muito importante quando a internet surgiu, porque facilitavam a comunicação, diálogo e troca de informações de uma forma bem mais rápida e prática que outras ferramentas da época. Entre 1995 e 2005, período que a internet se popularizou no Brasil, várias crônicas ficaram muito conhecidas devido ao compartilhamento expressivo que elas tiveram nos e-mails (GARCIA, 2018).

“Nomes como os de Luis Fernando Veríssimo, Martha Medeiros e Arnaldo Jabor tinham grande imponência para os usuários da Internet, pois suas crônicas chegavam nas caixas de e-mails da maioria dessas pessoas, mesmo sem saberem de onde vinham esses textos.” (GARCIA, 2018, p. 45).

Garcia pontua que foi um sucesso de compartilhamento, tanto que era impossível descobrir quem foi a primeira pessoa que havia enviado o e-mail. Segundo o autor, entre especulações e hipóteses, o sucesso se deve às características da crônica, como um texto breve, linguagem leve e simples e o contato direto com o leitor, causando identificação em quem lê. Garcia diz que esse formato curto do gênero casava bem com a tecnologia da época, já que o e-mail não suportava nada muito pesado, com textos longos. O mesmo aconteceu com a poesia. Em contrapartida, os romances, por exemplo, ganharam mais espaço na internet a partir de ferramentas que suportam melhor seu tamanho, como o PDF ou os e-books (GARCIA, 2018).

Segundo o autor (GARCIA, 2018), ao ser compartilhada dessa forma – diferente dos jornais e revistas –, a crônica não estava sujeita a processos direcionados por lucro, isto é, era um percurso gratuito e espontâneo. Quando a pessoa gostava de algum texto, ela queria repassar para que os amigos também lessem, e isso não custava nada para ela, apenas seu tempo.

Após os jornais e revistas online e depois os e-mails, o terceiro suporte digital que a crônica atingiu foram os blogs, um sucesso nos primeiros anos da internet no Brasil. Segundo Garcia (2018), foi nessas plataformas que a crônica se consolidou. Era um ambiente muito

propício para a crônica se abrigar, era quase inerente. Os blogs eram plataformas de páginas pessoais, como “diários”, em que os usuários poderiam escrever sobre o que quisessem, trocando experiências, ideias, opiniões, sentimentos, vivências, dúvidas, conflitos, o que fosse (GARCIA, 2018). Muitos dos digitais influencers que conhecemos hoje começaram nesses espaços, fazendo resenha de livros, de produtos de beleza, de moda, ou apenas experiências pessoais. O diferencial é que outras pessoas poderiam comentar e interagir com as publicações feitas, o que acabava criando comunidades de fãs e admiradores. Assim como na época do jornal, em que os cronistas recebiam cartas como respostas e interações com os textos que haviam escrito, os blogs permitiam essas interações por meio dos comentários. Uma forma muito mais prática de criar esse vínculo. Ainda seguindo Garcia, esses traços do blog se fundem muito bem com as características da crônica: relato pessoal com um diálogo entre o escritor e o leitor. O diálogo, a linguagem coloquial, a leveza e a simplicidade da crônica faziam parte dos textos presentes nos blogs.

“Os blogs carregam, então, a ideia de “diário”, exposição do cotidiano e das experiências pessoais que cercam o “eu” responsável pelo texto, ou na linguagem do espaço digital, aquilo que faz parte do dia a dia do “blogueiro”. Tal característica é, como pode-se notar quando se debruça nos textos teóricos conhecidos sobre a crônica, um ponto fundamental do gênero” (GARCIA, 2018, p. 48).

Garcia explica que, com o tempo, a internet passou de web 1.0 para web 2.0, e as mudanças implicaram uma maior “circulação de informações, de interação e comunicação entre os usuários” (GARCIA, 2018, p.49). Este novo momento da web, assim denominado de 2.0, como lembram Ribeiro e Ayres⁵ citados pelo autor, significa uma nova “lógica de participação”: na dinâmica dos conteúdos publicados por portais e veículos mais tradicionais de comunicação acrescentam-se produção e consumo, cada vez mais representativos, de material de inúmeros usuários, “cada qual compartilhando experiências, conversas, desejos e anseios do seu cotidiano” (GARCIA, 2018, p.49). Desse modo, na esteira ainda de Garcia, a lógica da web 2.0 permitiu que a crônica pudesse ser produzida no meio digital sem as amarras dos grandes veículos de comunicação, com limites e interesses mercadológicos e ideológicos dos jornais e revistas, sendo compartilhada de modo mais livre para um grande número de leitores.

⁵ RIBEIRO, José Carlos; AYRES, Marcel. “Breves comentários sobre a análise de conversações em sites de redes sociais”. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Orgs.). Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

As redes sociais, como o Facebook e os blogs, são um grande destaque dessa mudança. A própria estrutura da rede social é propícia para a produção de crônicas, defende Garcia (2018, p. 50), pois tem uma “base de linguagem inteiramente construída em modelos comunicacionais encontrados na crônica”.

Ele pontua que a crônica, os blogs, e depois o Facebook possuem alguns paralelos e similaridades muito fortes, entre eles, a interação entre cronista e leitor, compartilhamento de experiências pessoais, informações, pensamentos, reflexões. Conforme destaca, as diferenças entre o blog e o Facebook talvez sejam a dimensão do alcance e também o dinamismo de diálogo e resposta com o leitor.

Quando o usuário vai escrever algo em sua *timeline*, a própria caixa de texto contém a pergunta “No que você está pensando?”, provocando a ação de escrita e estimulando um pensamento subjetivo, no qual se espera que ele fale sobre o que pensa ou sente para compartilhar com seus amigos de rede social. Segundo analisa Garcia (2018), esse é um caminho bem próximo ao que a crônica convencional percorre, escrita também a partir da observação do cotidiano e a vontade de compartilhá-lo. Garcia afirma que antes o diálogo era com o público do jornal e nas redes sociais esse diálogo passa a ser com os “amigos”, permitindo que qualquer pessoa participe da prática cronística ao responder a frase “No que você está pensando?”. Como dito anteriormente, a resposta dessa frase “trará o recorte subjetivo para questões diretamente relacionadas ao seu cotidiano” (GARCIA, 2018, p.51), por isso, as postagens no Facebook se assemelham com o movimento de escrita de uma crônica.

Garcia traz ainda uma outra reflexão sobre a linguagem usada no Facebook e a crônica. Segundo ele, há um paralelo no modo de se expor: o sujeito que se coloca no texto, acredita, tem uma proximidade maior com a autoficção do que com a autobiografia, isso porque ele parte de dados que o cercam – que podem ser inventados ou não. O usuário escreve de acordo com os modelos do gênero, usando tanto a linguagem leve quanto o dialogismo com o leitor. Garcia explica que a diferença entre a autoficção e autobiografia é que a segunda se aproxima muito mais do diário, ou uma conversa solitária, numa fala com si mesma. Já a autoficção é uma fala de si com direcionamento para o outro.

Esse caminho de autoficção tem o objetivo de criar uma proximidade com o leitor, tanto por meio da verossimilhança com o assunto abordado e o espaço que o cerca, quanto com o diálogo construído entre escritor e leitor, que não seria possível caso a crônica atingisse um nível autoficcional igual aos que os romancistas fazem.

Assim como nos jornais, no Facebook o escritor que se apresenta na *timeline*, “só existe naquele espaço para dialogar com o outro que o lê” (GARCIA, 2018, p.52). Se não há leitores, a existência do escritor nessa rede social “torna-se praticamente nula”. “Por esse princípio, a hipótese de que todo autor que se coloca dialogando com a *timeline* construída por meio de seu perfil do Facebook é, também, um potencial cronista, ganha um sentido possível” (GARCIA, 2018, p.52). Muitos cronistas consagrados mantêm uma página nas redes sociais em que compartilham suas crônicas, dialogando diretamente com seus leitores-seguidores, entre eles estão Xico Sá, Tati Bernardi, Fabrício Carpinejar e Gregório Duvivier, autores analisados na pesquisa de Garcia.

3.1 Suportes digitais

Um dos eixos que sustenta a discussão de Garcia (2018), a referência que nos ajuda a compor a discussão sobre a crônica no digital, é a reflexão sobre a relação da crônica com os suportes, com ênfase para os espaços digitais no tempo presente, a começar pelos jornais online. Num segundo momento ele vai falar também sobre uma ponte estabelecida entre jornais online e as redes sociais, “pois as duas mídias se encontram no jogo mercadológico – e, conseqüentemente, comunicacional – dessa tecnologia na contemporaneidade” (Garcia, 2018, p.52).

O jornal, a revista e o livro são os três suportes impressos da crônica, tradicionais até o fenômeno do digital e da internet. Para sobreviver na atualidade eles precisaram, de algum modo, se adaptar aos modelos digitais. Nessa transição, como já foi comentado, a crônica se mantém como um produto indispensável, que continua sendo publicada tanto no impresso quanto no digital.

Pensando no jornal, Garcia traz reflexões feitas por Caio Tulio Costa⁶ (2014), em que o autor levanta hipóteses sobre o que causou a queda do jornal impresso como produto, ao passo que a Internet ganha maior espaço mercadológico. Segundo Costa (2014), desde o final do século XX, outras empresas de telecomunicações surgiram, como a Google, portais de notícias, os famosos smartphones e tablets, e junto com eles as redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter, Youtube etc). Esses mecanismos, suportes e aparelhos começaram a substituir o papel.

⁶ COSTA, Caio Tulio. “Rumos do jornalismo”. Pesquisa Fapesp, nº 220, junho de 2014, p.82-85.

Costa considera também a teoria de que o público se tornou um agente, deixando o lugar passivo na produção da crônica, de apenas ser o leitor. Assim, tornou-se “produtor e distribuidor de informação” (COSTA *apud* GARCIA, 2018, p. 53). Costa ressalta a perda que jornalista e jornalismo tiveram como papel de “quarto poder”, já que hoje em dia qualquer pessoa ou instituição tem um determinado poder de mídia dentro do mundo digital. A produção de conteúdo é livre para todos externarem seus conhecimentos, opiniões e vivências, deixando de ser exclusivo das grandes mídias.

As revistas impressas também apresentaram queda nas vendas e tiveram que tomar o mesmo caminho de adaptação ao digital como meio de sobrevivência, talvez sua única opção. Alguns veículos passaram a publicar apenas nos suportes digitais, deixando de lado suas versões em papel.

Com o avanço tecnológico, os livros também ganharam suportes digitais, os chamados e-books. Existem plataformas próprias vendidas para a leitura desses arquivos, as marcas mais conhecidas no Brasil são o *Kindle*, o *Lev* e o *Kobo*. Segundo Garcia, os livros de crônicas acabam sendo lançados diretamente nos formatos impressos e digitais, pois seus autores, na maioria dos casos, já possuem público e popularidade consideráveis, o que lhes permite essa ação.

De acordo com Garcia, os blogs eram o principal suporte para as crônicas, mas perderam sua relevância após o surgimento das redes sociais como Facebook e outras. São poucos cronistas de renome que ainda publicam seus textos nessas plataformas, ou semelhantes – Gregório Duvivier, por exemplo, ainda tem uma conta no Tumblr⁷ –, pois não possuem mais a mesma popularidade e não atingem a mesma quantidade de público que hoje as redes sociais possibilitam.

Existem atualmente também algumas outras plataformas como *Wix* e *Wordpress* que dão espaço para os usuários criarem seus próprios sites de acordo com suas necessidades. As páginas, em sua estrutura, são livres para serem montadas e modificadas de acordo com o gosto de cada um. Por isso algumas pessoas optam por fazer um site pessoal para compartilhar suas crônicas, sem precisar usar necessariamente sua rede social particular. É o caso de Eliane Brum, por exemplo, que tem um site particular⁸ onde reúne seus trabalhos. O link para o site é fixado na “bio” do seu perfil do Twitter⁹.

⁷ Acesso em: <https://gduviver.tumblr.com/>

⁸ Acesso em: <http://elianebrum.com/>

⁹ Acesso em: <https://twitter.com/brumelianebrum>

Segundo Garcia, outras redes sociais como Twitter, WhatsApp, Youtube e Instagram são usadas apenas para compartilhamento de links para promover a divulgação de crônicas postadas em outras plataformas. De acordo com ele, elas não possuem suportes que possibilitem a publicação direta desse gênero.

Entretanto, tenho observado um movimento diferente com relação ao Youtube e ao Instagram. Fabrício Carpinejar, por exemplo, é um cronista e poeta que utiliza o Youtube como uma plataforma para divulgar suas crônicas de uma forma diferente. Ele as escreve e as “interpreta” em vídeos, que publica em seu canal do Youtube, numa espécie de conversa direta com o “leitor-espectador”. Como se fosse um amigo dando conselhos, discutindo sobre algo que observou. Carpinejar não apenas lê o que escreveu, mas articula, interpreta, tonaliza tudo o que fala. Ele usa o Twitter para fazer a divulgação de suas “crônicas-faladas”. Esse “quadro” em seu canal é chamado de “Crônicas da Vida”.

Gregório Duvivier também faz crônicas em forma de vídeo no YouTube. O programa “Greg News” faz parte do canal da HBO Brasil na plataforma. Nele, Duvivier utiliza da ironia e do humor ácido para fazer críticas sociais, normalmente sobre política. Com o formato similar aos jornais televisivos, ele faz suas críticas baseadas em notícias recentes, que são mostradas na tela enquanto ele fala.

Assim como outros escritores, Carpinejar utiliza do Instagram¹⁰ para escrever. Algumas vezes ele coloca uma frase em um guardanapo, tira uma foto e publica. Outras vezes ele posta uma foto que representa o assunto da crônica e escreve o texto no corpo da publicação. A interação com o leitor é rápida e fácil, por meio de *likes* e comentários. Além disso, Fabrício Carpinejar também recebe inúmeras mensagens via “*direct*”, e escolhe algumas para responder em suas publicações. Ele tira um “*print*” da mensagem, publica como foto e escreve uma crônica como resposta para as angústias de seus leitores. Esse movimento se assemelha muito às cartas que os leitores enviavam para as redações dos jornais, pedindo conselhos aos cronistas ou apenas opinando sobre alguma crônica que eles haviam publicado.

De 2018, ano em que Garcia escreveu sua tese de doutorado, até aqui, é possível observar que algumas coisas mudaram com relação às redes sociais e ao ciberespaço em si. Quando ele escreveu, observou que apenas o Facebook cumpria integralmente a função de compartilhamento de crônicas, com um espaço de texto e interação com os leitores, mas a realidade em 2021 é outra. A tecnologia está se atualizando e em grande velocidade. Sempre terão coisas surgindo, morrendo e se transformando dentro desse espaço.

¹⁰ Acesso em: <https://www.instagram.com/fabriciocarpinejar/>

4. A PANDEMIA

O Diário da Amazônia fez uma cronologia dos principais acontecimentos da pandemia de Covid-19, desde o início (CORONAVÍRUS, 2020). De acordo com ele e vários outros veículos de comunicação, tudo começou no dia 31 de dezembro de 2019, quando a China emitiu um alerta à Organização Mundial de Saúde (OMS) sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China, com causas desconhecidas. No primeiro dia de 2020, haviam suspeitas de que os casos estavam ligados a um mercado de peixes e mariscos na cidade, e ele foi imediatamente fechado para evitar ainda mais contaminações. Ainda hoje, não é possível afirmar que realmente tenha sido essa a origem, existem controvérsias. De acordo com uma matéria da Exame, foram encontrados alguns outros casos que não tinham ligação com esse mercado (AGRELA, 2021).

Quatro dias depois, já eram 44 casos de pneumonia reportados às autoridades da China, de acordo com uma cronologia feita pelo Correio da Manhã (AGÊNCIA LUSA, 2020). Também segundo esse mesmo jornal, entre os dias 10 e 11 de janeiro de 2020, após análises da sequência do vírus, descobriram que se tratava de um novo coronavírus. A primeira morte na China pela nova doença foi confirmada no dia 11 de janeiro do mesmo ano, segundo O Diário da Amazônia (CORONAVÍRUS, 2020). Como podemos ver pelas datas, tudo aconteceu incrivelmente rápido. O mundo ficou em alerta já que, diante dos fatos, foi possível notar que o vírus se espalhava facilmente e era altamente perigoso. O medo era de que o vírus se disseminasse para mais lugares, e foi exatamente o que aconteceu.

Ainda seguindo a cronologia estabelecida pelo Diário da Amazônia, no dia 13 de janeiro, a OMS notificou o primeiro caso de coronavírus fora da China (CORONAVÍRUS, 2020). Uma mulher na Tailândia estava infectada, apresentando pneumonia leve. Ela tinha acabado de chegar de uma viagem a Wuhan. No dia 17, os Estados Unidos anunciaram que fariam testes em três aeroportos para conseguir identificar pessoas contaminadas entrando no país, principalmente de voos vindos da China. Quatro dias depois o primeiro caso é confirmado nos Estados Unidos, em Washington, mesmo após os principais aeroportos do país terem sido submetidos a exames de detecção. Em 20 de janeiro, comprovou-se que a transmissão acontecia entre humanos e a doença se expandiu pela China, chegando às cidades de Pequim, Xangai e Shenzhen. Daí em diante o alerta mundial se agravou, Londres e Roma começaram a monitorar passageiros que vinham de Wuhan, o uso de máscara passou a ser

obrigatório nos espaços públicos de Wuhan e a cidade foi isolada. Mas já era tarde, o vírus já tinha sido levado para vários países. No dia 28 de janeiro, a Alemanha e o Japão confirmaram que pessoas que não tinham viajado para a China estavam infectadas. Com isso, o alerta aumentou, junto com o medo do vírus chegar em terras brasileiras (CORONAVÍRUS, 2020).

E chegou. Seguindo a partir daqui com a cronologia feita pela Sanar Saúde¹¹, o Brasil investigava três casos suspeitos e, no dia 26 de fevereiro de 2020, o primeiro foi confirmado em São Paulo (SANAR, 2020). Logo em seguida já começamos a adotar algumas medidas. O paciente era um homem de meia idade, por volta de 60 anos, que tinha estado na Itália. No dia seguinte, já eram 132 casos suspeitos que estavam em monitoramento pelo Ministério da Saúde. Em 29 de fevereiro, o segundo caso foi confirmado: um homem de 32 anos, que tinha acabado de chegar, também, da Itália. Dia 2 de março subiram para 433 os casos suspeitos e a partir daí a conta só foi aumentando. Vários foram descartados e em 4 de março eram três confirmados. No dia 5 de março já eram oito casos confirmados, seis em São Paulo, um no Espírito Santo e um no Rio de Janeiro. Até então, as transmissões tinham acontecido em outros países e os infectados viajaram para cá já com o vírus. Mas, nesse mesmo dia, foi registrada a primeira transmissão dentro do país. A maioria dos casos até então eram de pessoas que vinham da Itália. Já que, na época, a situação no país estava crítica. Mas nesse dia, dois casos de São Paulo tinham relação com o primeiro contaminado identificado. No dia seguinte, eram 13 confirmados e 768 em monitoramento. No dia 8, Minas Gerais e Alagoas tiveram seus primeiros casos confirmados. Os casos só foram aumentando e, em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou uma pandemia de coronavírus. No dia 13 de março o Ministério da Saúde decreta isolamento e quarentena em pacientes com suspeita ou confirmação de infecção. No mesmo dia, o primeiro paciente diagnosticado foi curado. No dia seguinte, Rio de Janeiro e São Paulo registram transmissão comunitária¹². A notificação da primeira morte por Covid-19 aconteceu em 17 de março de 2020 (SANAR, 2020).

Ainda segundo a cronologia da Sanar, a transmissão comunitária foi reconhecida em todo o território nacional no dia 20 de março. No outro dia, o presidente determinou quais serviços seriam considerados essenciais e que precisariam continuar funcionando (SANAR, 2020). No dia 24 de março de 2020, com 2.201 casos confirmados no Brasil, Bolsonaro fez

¹¹ Curso preparatório para Residência Médica

¹² “A transmissão comunitária é uma modalidade de circulação na qual as autoridades de saúde não conseguem mais rastrear o primeiro paciente que originou as cadeias de infecção, ou quando esta já envolve mais de cinco gerações de pessoas” (VALENTE, 2020).

um pronunciamento que todos conhecem, em que ele diz que seria apenas uma “gripezinha”. O presidente foi à público criticar o pedido feito pelas autoridades sanitárias e especialistas do mundo todo para que as pessoas ficassem em casa. Ele disse: “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão” (ESTADO DE MINAS, 2021). Enquanto isso, os casos confirmados e as mortes só aumentavam.

Em 26 de março de 2020, Bolsonaro editou um decreto que incluía atividades religiosas como essenciais. No dia, o Brasil registrava 2.915 casos e 77 mortes. Em 2 de abril de 2020, o Brasil passou a recomendar o uso de máscaras de proteção. No mesmo dia, foram registrados mais de 8 mil novos casos e 327 mortes. Quatro meses depois, no dia 8 de agosto de 2020, o país ultrapassou 3 milhões de pessoas infectadas e atingimos a marca de 100 mil mortes. Em 30 de novembro de 2020 o Brasil estava na segunda onda de contágio. Enfim, muita aconteceu nesses quase dois anos de pandemia.

As primeiras doses de vacina, atrasadas em relação ao mundo, foram aplicadas em 17 de janeiro de 2021. A primeira pessoa a receber foi Mônica Calazans, uma enfermeira de 54 anos que trabalha em uma unidade de terapia intensiva. As vacinas de janeiro foram uma liberação da Anvisa para o uso emergencial de Oxford e Coronovac. Segundo o diretor do Instituto Butantan, Dimas Covas, em depoimento feito na CPI da Pandemia, o Brasil poderia ter sido o primeiro a se vacinar (VARGAS, 2020). Ele diz ter oferecido as vacinas ao Ministério da Saúde no dia 30 de julho de 2020, porém não obteve resposta. Eram 60 milhões de doses, que seriam entregues no final de 2020. Ele ainda diz que o governo Bolsonaro deixou as negociações sem resposta e isso fez com que o início da vacinação no país atrasasse. O Brasil começou a vacinar a população, de fato, somente no dia 21 de março de 2021, sendo que poderia já ter começado no final de 2020 (VARGAS, 2020). Em dezembro, o laboratório tinha praticamente 10 milhões de doses de Coronovac, poderíamos ter começado junto com o mundo, se não fosse o negacionismo do governo.

Dois pesquisadores, Jurema Werneck (médica e diretora-executiva da Anistia Internacional Brasil e representante do Movimento Alerta) e Pedro Hallal (epidemiologista e pesquisador da Universidade Federal de Pelotas – UFPel), durante depoimento para a CPI da Pandemia, criticaram a maneira como a pandemia foi conduzida pelo governo federal (PRUDENCIANO; BARCELLOS, 2020). Hallal coordenou o Epicovid-19, um programa financiado pelo Ministério da Saúde, que tinha o objetivo de fazer o monitoramento do

avanço do coronavírus no Brasil. Segundo uma matéria do R7, esse projeto acompanhou 133 cidades entre maio e junho de 2020. Porém, Hallal disse que foi censurado pelo ministério após apresentar alguns dados que mostravam que a quantidade de infectados indígenas era 5 vezes maior que os brancos. Logo após, o projeto foi interrompido (PESQUISADOR, 2021)

Mesmo com o projeto interrompido, Hallal continuou com suas análises e pesquisas e, segundo ele, se o Brasil estivesse com a mesma média de mortes do mundo, teríamos 400 mil óbitos a menos. Levando em consideração o tamanho da população, o número que tivemos foi desproporcional. Ele comparou o número de mortes no mundo (aproximadamente 3,9 milhões) com o tamanho da população brasileira (2,7% dos habitantes do mundo) para chegar ao número que seria mais condizente em relação a essa proporção.

O pesquisador aponta várias causas e todas são consequência de estratégias equivocadas adotadas pelo governo. De acordo com uma matéria do R7, um dos exemplos usados por Hallal é que as escolhas feitas eram contrárias ao que o meio científico dizia. O governo desestimulava o isolamento social, o uso de máscaras e corroborava com o uso de hidroxicloroquina, mesmo que essa droga não tivesse ação comprovada contra o coronavírus. Na matéria do R7, há uma fala do pesquisador que diz “Selecionar os poucos estudos que mostram algo diferente do consenso científico, não é fazer ciência, isso é fazer charlatanismo ou fazer ciência de whatsapp”, apontando também para as *fakenews* (PESQUISADOR, 2021). Hallal também criticou a escolha em fazer uma imunidade de rebanho por meio da contaminação em massa. O R7 separou outra fala sobre isso: “Depois de um certo tempo se torna uma estratégia repugnante, com toda evidência científica apontando que a imunidade de rebanho por infecção natural não é atingível” (PESQUISADOR, 2021). Além disso, Hallal pontuou que, segundo seus cálculos, cerca de 145 mil mortes poderiam ter sido evitadas se não fosse a demora para a compra das vacinas. Ele criticou diretamente a conduta do presidente: “Um pedaço dessas mortes é responsabilidade direta do presidente da República. Quem disse que a vacina transforma em jacaré foi o presidente, não o governo. Quem disse que não ia comprar vacina da China foi o presidente, não o governo” (PESQUISADOR, 2021).

Pedro também disse, na CPI da Pandemia, que não há motivos para comemorar os mais de 16 milhões¹³ de curados, já que esse número evidencia o quanto a pandemia estava avançada no país. De acordo com Jurema Werneck, se o Brasil tivesse adotado as medidas de distanciamento e controle de transmissão do vírus no primeiro dia da pandemia, no início de

¹³ Número da época, por vezes celebrado por apoiadores do presidente.

2020, 120 mil mortes seriam poupadas. Também na CPI da Pandemia, Werneck enfatizou: “Não são números, são pais, mães, irmãos, sobrinhos, tios, vizinhos, gente que eu não conheço, mas que habitam esse país como eu” (PRUDENCIANO; BARCELLOS, 2020).

A CPI da Pandemia foi aberta por determinação do ministro Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal, atendendo a uma solicitação de senadores após apelo midiático (LELLIS, 2021). Ela foi comandada por senadores da oposição e teve cerca de 8h de transmissões diárias por cerca de 90 dias iniciais. Após esses 90 dias, foi estendida para mais 90, devido a tantas descobertas ao longo das reuniões. A intenção da CPI era apurar se o Governo Bolsonaro havia, de fato, falhado no enfrentamento da pandemia. Os resultados só confirmaram essa suspeita. Porém, o que, inicialmente parecia ser omissão, negacionismo e pura incompetência, surpreendeu a todos quando se descobriu que houve muito mais que isso. Entre as descobertas: o governo ignorou diversos e-mails de ofertas de vacina e houve irregularidades no Ministério da Saúde na condução de um contrato bilionário com a Covaxin para compra de vacinas, que acabou por não se concretizar. Renan Calheiros, senador do MDB-AL e relator da CPI, pediu um indiciamento de 78 pessoas, incluindo Jair Messias Bolsonaro, e duas empresas. O presidente foi acusado de prevaricação, charlatanismo, infração a medidas sanitárias, emprego irregular de verba pública e crime contra a humanidade, entre outros. Mesmo com diversas provas e descobertas, não existe um resultado jurídico certo da CPI, embora o procurador-geral da República, Augusto Aras, tenha enviado petições ao Supremo Tribunal Federal para que se abrissem investigações.

A pandemia afetou muito a vida de todos, tanto no individual quanto no coletivo. É impossível negar o impacto dela sobre nós, seja no psicológico, no físico, no econômico. E foi ainda mais difícil lidar com tudo em um governo omissivo e criminoso. Precisamos passar quase dois anos em modo sobrevivência, e isso desgasta de muitas formas. Desgaste que é fruto do isolamento, da perda da rotina, das mudanças de costumes, da saudade cotidiana, do medo de ser infectado ou de perder alguém. A CNN Brasil fez uma matéria sobre um estudo publicado na *The Lancet*¹⁴ que aponta que surgiram cerca de 53 milhões de novos casos de depressão e 76 milhões de ansiedade no mundo, só em 2020 (ROCHA; LOPES, 2021). Em porcentagem, uma alta de 28% e 26%, respectivamente, no período analisado pelo estudo. A Fiocruz Brasília fez uma matéria sobre um outro estudo, realizado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e também publicado na *The Lancet*, que aponta um

¹⁴ É uma das mais antigas e conhecidas revistas médicas do mundo e descrita como uma das mais prestigiadas. É publicada pela Elsevier no Reino Unido pelo Lancet Publishing Group.

aumento de 90% nos casos de depressão e que os casos de crises de ansiedade e estresse agudo mais que dobraram entre março e abril de 2020 (GAMEIRO, 2020). Risco de contaminação, medo de contaminar familiares e colegas de trabalho, redução de postos de trabalho e desemprego foram algumas situações que provocaram quadros de depressão e ansiedade. De acordo com a diretora da Fiocruz Brasília, Fabiana Damásio, os casos de saúde mental estão ligados a tempo, espaço e condições. Segundo ela, em relação ao tempo, existe pouco ou nenhum limite entre trabalho e vida pessoal, já que muitos começaram a trabalhar em *home office* (GAMEIRO, 2020). A questão do espaço mostra que a desigualdade social foi escancarada na pandemia, já que os espaços físicos de trabalho foram transformados em mídias sociais, vídeo-chamadas, e demais plataformas que garantissem que alguns trabalhos permanecessem, mas nem todos tiveram esse privilégio. E, por último, a condição de trabalho remoto, para Damásio, foi um grande desafio, assim como a volta das atividades presenciais. Segundo a pesquisadora, a OMS aponta o aumento dos índices de depressão, preocupação, medo, ansiedade, da violência doméstica, fragilidade das redes de proteção e uso abusivo de álcool e outras drogas (GAMEIRO, 2020). Em uma fala na matéria da Fiocruz Brasília, ela diz: “É a constatação de que há uma dor presente em todas essas situações que vêm sendo presenciadas, até mesmo a ausência de sociabilidade”.

Para além de dados, pesquisas e estudos, que são sim muito importantes para termos uma noção da magnitude desses atravessamentos, meu trabalho trata sobre algo que vivi na pele e que também vi muitas pessoas próximas a mim vivendo. Além de ver muita coisa pela internet, esse ambiente que nos engoliu. Existem afetos reais em cada linha de cada crônica, mostrando algumas das diversas situações que nos atravessaram. Precisamos lidar com essa nova realidade tão repentina, tivemos que reprogramar a rota das nossas vidas, refazer os planos, buscar novas alternativas, mudar as rotinas, nos acostumar com algo não-acostumável. Reflexo disso são esses aumentos de depressão, ansiedade, suicídio, consumo de álcool, casos de violência doméstica, dificuldades de socialização, e diversos outros transtornos.

5. ATRAVESSAMENTO: CRÔNICAS DE UMA PANDEMIA

Antonio Candido diz que a crônica é um gênero menor e, de fato, é. As pessoas dão pouca importância para ele. Marcelo Coelho, professor de Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero, escreveu em “Jornalismo e Literatura”, que tem a impressão de que a crônica, como um gênero literário, perdeu espaço e prestígio nos jornais e revistas, e que ela parece ter ficado ainda mais “inútil” do que era há uns trinta ou cinquenta anos. Por um lado, acredito que ele tenha razão, mas, por outro, nem tanto. Ele tem razão porque, sim, nos jornais e revistas a crônica pode ter perdido o espaço de prestígio que tinha alguns anos atrás. Porém, ao passo que a crônica perdeu espaço nesses lugares, ela ganhou na internet, como discutido anteriormente. Por isso não acredito que ela tenha ficado mais “inútil”, como disse Coelho, ela apenas se adaptou a outros espaços, tornando-se democrática e acessível. Vemos crônicas espalhadas pelas redes sociais sem qualquer pretensão, escritas por pessoas comuns, ao mesmo tempo que também é possível observar escritores que usam das redes sociais para mostrar seu trabalho e ganhar reconhecimento.

Dentre tantas linguagens e gêneros que eu poderia ter escolhido, a opção foi pela crônica. Não sei quando e nem porque ela veio à minha mente, mas senti que era o que eu devia fazer, afinal, sempre gostei de escrever. Acho que as características da crônica fazem com que ela seja especial pra mim: simples, do cotidiano, fruto da observação. E, juntando tudo isso, decidi falar sobre o assunto mais atual e cotidiano que temos vivido: a pandemia. Por meio de uma ótica diferente da habitual – já que a crônica normalmente é escrita por meio da observação das pessoas, dos lugares, da rua – fiz minhas produções por observações de dentro de quatro paredes, por meio das telas, das notícias, de postagens nas redes sociais e de conversas à longa distância.

Passamos por momentos complicados nos últimos (quase) dois anos, em que fomos submetidos a várias situações adversas, que nos pegaram de surpresa, desprevenidos. Tivemos que reaprender a viver nesta nova realidade e ela nos afetou e afeta de diversas formas. O Atravessamento (@atravessamento_) é uma proposta de trabalho experimental que tem como objetivo deixar registrado e compartilhar alguns dos sentimentos e situações que nos atravessaram nesses momentos pandêmicos tão sombrios, por meio do meu olhar e vivência. Escolhi a crônica para poder expressar tudo isso, e elas foram abrigadas em um

perfil do Instagram, com a intenção de torná-las mais acessíveis para quem quisesse ler. Além disso, optei por fazer um perfil nessa plataforma por acreditar que ela me possibilitaria explorar algumas outras mídias diferentes. Imaginei que um livro, por exemplo, limitaria a apenas texto e, talvez, alguma foto ou desenho.

As crônicas são feitas com base em uma observação um pouco “diferente” do mundo, mais moderna, talvez. Isso porque, esse gênero é construído por meio de uma observação direta da vida, do cotidiano, da rua, das pessoas, do corriqueiro, como visto anteriormente. Porém, devido à pandemia, essa observação se restringiu às telas. Por estarmos dentro de casa, e essa ser a realidade que perpassa todas as crônicas, tudo que escrevi tem como fonte experiências próprias, conversas com amigos, notícias, desabafos e explicações que vi no Twitter, de pessoas compartilhando suas experiências, medos, sentimentos e sensações. Isso, contudo, faz parte da nova realidade da crônica. Hoje, as redes sociais estão inseridas na nossa vida e no nosso cotidiano, por isso, as crônicas também se espelham nessa nova vida, a virtual. A internet é a nossa nova “rua”. Por meio dessa interação, podemos ficar a par de coisas que acontecem no mundo todo, que podem virar assuntos de crônicas. Gregório Duvivier é um grande exemplo nesse sentido. Muitas de suas crônicas atuais têm como inspiração situações que aconteceram no mundo virtual. As *timelines*, os *feeds*, todas as redes sociais (Reddit, Twitter, Instagram, Facebook, etc) são os ambientes das crônicas contemporâneas, já que abrigam múltiplas vivências, experiências, opiniões e assuntos. Simulam a rua, os estabelecimentos, a rotina, o corriqueiro. Porém, com algumas ressalvas, já que a internet possui um cotidiano que muitas vezes pode ser falso, articulado, programado e manipulado. Em busca de likes, engajamento, visibilidade, fama, sucesso, dinheiro, etc. Também mediado por lógicas algorítmicas, que administram as redes e influenciam muito na circulação e visibilidade de certos conteúdos.

Um outro ponto é que as crônicas do Atravessamento fogem do caráter corriqueiro, uma vez que nenhum dos assuntos ali abordados podem ser considerados com essas características. Elas mostram, na verdade, o oposto: o quanto essa nova realidade nos afetou, por ser um cotidiano atípico e difícil. Se tornou corriqueiro, mas não era. E nem queremos que seja. Espero que defina apenas um período a ser extinto em breve. A intenção é que o leitor consiga se identificar com os sentimentos e situações descritas ali, coisas que o mundo todo experimentou, em maior ou menor grau. E que esse trabalho sirva como um registro desse ciclo, um registro próximo e vívido de tudo que passamos e sentimos nesses tempos. Daqui a alguns anos, vamos olhar para trás e ver esses dois anos (o tempo do trabalho) com

um outro olhar. Espero que seja mais leve do que é agora. Espero que daqui um tempo esses anos convertam-se em só uma lembrança ruim e que esse trabalho sirva como um diário para aqueles que queiram entender e/ou lembrar.

Optei, então, por compartilhar essas crônicas no Instagram, em um perfil exclusivo criado para isso. O Instagram é um aplicativo de dispositivos móveis lançado em 6 de outubro de 2010, que foi desenvolvido pelos engenheiros de programação Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger. Segundo eles, inicialmente a intenção era criar uma ferramenta para “resgatar a nostalgia do instantâneo cunhada ao longo de vários anos pelas clássicas Polaroids” (PIZA, 2012, p. 7). Segundo João Miguel Pereira da Silva, em seu trabalho “Estratégias Comunicacionais no Instagram”, o aplicativo foi desenvolvido com o foco no compartilhamento de fotografias, mas passou por várias atualizações e mudanças ao longo dos anos, permitindo que ganhasse outras finalidades, funcionalidades e formas de interação entre os usuários. Algumas dessas atualizações foram, por exemplo, a implementação dos *Stories* (função inspirada em outro aplicativo), o *Direct*, as *Lives*, o *IGTV* e, mais recentemente, o *Reels*, entre outras.

Além da versão de dispositivos móveis, o Instagram também disponibilizou um site, em que é possível acessar o aplicativo pelo navegador de internet do computador, mesmo com algumas funções sendo limitadas.

Uma outra mudança muito importante foi a possibilidade de ter um perfil profissional, voltado para empresas, marcas ou pessoas públicas. Ao transformar um perfil pessoal em uma conta comercial – como é chamada dentro do aplicativo –, essa conta ganha algumas funções diferentes, como estatísticas e dados numéricos do perfil ou de publicações específicas, informações sobre os seguidores (idade, região, gênero, horário que mais usam o aplicativo), entre outras. Essas novas funcionalidades ajudaram as pessoas que começaram a utilizar a plataforma como trabalho ou para divulgação de seus produtos e/ou serviços.

Segundo dados do blog Resultados Digitais¹⁵, em uma publicação feita em agosto de 2021, o Instagram é a quarta rede social mais usada no Brasil, com 110 milhões de usuários. A primeira é o Facebook, com 130 milhões (VOLPATO, 2021). Apesar do Facebook ser a plataforma com mais contas ativas, o Instagram apresenta uma tendência crescente de cadastramento de perfis, de acordo com o blog da IEBS School¹⁶. A rede tem sido cada vez

¹⁵ <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>

¹⁶ Innovation and Entrepreneurs Business School. Acesso em: <https://www.iebschool.com/pt-br/blog/>

mais utilizada para vendas e divulgação de produtos e serviços, tanto de pequenas marcas, quanto de grandes empresas.

No artigo “Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade”, escrito por Penha Ramos e Analice Martins em 2018, as autoras discutem a presença da literatura no espaço do Instagram. Em suas considerações iniciais, elas apontam as redes sociais como espaços de interação social, para além de produção de entretenimento e comunicação. Elas exemplificam que nas redes as pessoas “se (re) encontram, expressam ideologias e promovem mobilizações em prol de um mesmo motivo, seja por solidariedade ou por reivindicação popular” (RAMOS; MARTINS, 2018, p.118). Pontuam também que nesses espaços “são realizados anúncios e campanhas publicitárias, além de contatos profissionais, projetos educacionais, jornalismo e denúncias”. E a literatura faz parte dessas novas interações e conexões entre o virtual e o físico.

Como dito em reflexões anteriores – e agora reforçado por elas –, autores e obras já consagrados migraram para o espaço virtual, seja em Blogs, YouTube, Facebook, Twitter, Instagram, entre outros. Também como mencionado, usuários “comuns” começaram a utilizar esses espaços para compartilharem seus textos. Com o tempo, passaram pelo “crivo da crítica contemporânea” que, nesse caso, é o próprio público. Ao ganhar visibilidade e grande número de leitores, muitos fecham contratos com editoras e lançam seus primeiros livros. “É assim que o Instagram se tornou para muitos uma plataforma de publicação, compartilhamento e leitura de conteúdos poéticos, formando um público de leitores e chancelando a figura de autores” (RAMOS; MARTINS, 2018, p.118). Aqui as autoras especificam o gênero poesia, foco do estudo delas, porém o mesmo processo acontece com outros gêneros dentro da plataforma, entre eles, a crônica.

Assim como o Facebook se mostrou uma rede social propícia para a criação de crônicas, o Instagram também se relaciona bem com o gênero. Quando os desenvolvedores dizem que a intenção de criar o aplicativo era para “resgatar a nostalgia do instantâneo”, fica clara essa conexão, pois ambos (crônica e Instagram) buscam resgatar o instantâneo de alguma forma.

“É sob a promessa de captura e compartilhamento de momentos do mundo, que versa o Instagram, em um trânsito intenso entre o singular e o banal – ou entre a singularização do banal e a banalização do singular, como bem pretende o autor de cada perfil dessa rede. Ao usuário do aplicativo fica a escolha do conceito que deseja aplicar à sua rede social, personalizando e explorando sua textualidade, enquanto autor não só de textos, mas de si mesmo” (RAMOS; MARTINS, 2018, p.120).

Os próprios recursos do Instagram são uma conversa direta com o cotidiano. O *story*, por exemplo, é uma ferramenta específica para o compartilhamento do dia a dia, onde as pessoas contam e mostram – por meio de vídeos curtos – suas rotinas, seus dias, ou alguma novidade.

6. PROPOSTA EDITORIAL

Quando quis fazer crônicas, precisei pensar em qual ambiente eu as hospedaria. Se seria em um livro ou um site, por exemplo. Mas decidi criar um perfil no Instagram, algo meio novo e pouco comum para um Trabalho de Conclusão de Curso. Não vemos tantos TCC's que são construídos nessa plataforma e essa escolha foi realmente um desafio, um experimento e uma descoberta. Uma tentativa de encontrar novas possibilidades de se fazer crônica. Tive como inspiração alguns nomes que já exploram no digital outros tipos de mídia para compartilhar esse gênero, como Gregório Duvivier, Fabrício Carpinejar, Marcos Piangers e Xico Sá. Na verdade, a plataforma é cheia de escritores que aproveitam esse ambiente para propagar suas palavras, conquistar seu espaço, seu reconhecimento, fazer a venda de seus livros e seus trabalhos. O nicho de escritores é bem grande na plataforma, onde artistas como Iandê Albuquerque, Ryane Leão, Lorena Pimenta, Matheus Rocha, Edgard Abbehusen, Bruna Vieira, Thamires Hauch, entre diversos outros nomes, fazem sucesso, em vários nichos diferentes. Além dos escritores mais pretensiosos, também existem muitos desprentensiosos, que talvez nem imaginam que estejam fazendo crônica. Vejo amigos e desconhecidos sempre escrevendo textos em seus perfis sobre algo que os marcou: pode ser uma viagem, o fim de um ciclo, algum pensamento aleatório que quiseram compartilhar, uma conquista, enfim. Algo corriqueiro, fruto da vida cotidiana, de dores, sabores e amores que talvez diversos outros que leem se identificam. Em muitos casos, não existe a pretensão de se fazer crônica, mas ela está lá.

Quando defini o meu tema, estávamos há quase um ano em pandemia, bem no meio de todo aquele caos e incerteza, em que não existiam sequer as datas de vacinação ou mesmo segurança de que os imunizantes seriam comprados. Era final de 2020, com as aulas da Universidade ainda suspensas. Eu escreveria, então, o meu Trabalho de Conclusão de Curso em 2021, pensando e falando sobre um passado recente, em que tudo começou, mas também num presente, em situações e sentimentos que vivenciamos todos os dias. E foram muitos sentimentos. O meu editorial foi pensado neles e nas diversas novas realidades que fomos inseridos. A princípio, imaginei que seriam apenas 10 crônicas, mas vivemos coisa demais. Então, após avaliar sentimentos e situações que vivemos no coletivo, de acordo com a minha perspectiva na época e com tudo que eu conversava com meus amigos, e também o que eu via na Internet, fechei 15 temas. E foi bem difícil, porque eu sempre queria falar sobre mais alguma coisa, um outro tema. Mesmo o tempo passando arrastado e os dias parecendo tão

iguais, os cenários da pandemia mudavam quase cotidianamente. Um novo assunto muito importante surgia, alguma mudança no cenário ou algum escândalo do governo. Mas tive que me manter firme na minha proposta inicial. Os seguintes temas foram escolhidos: apresentação, despedida, máscaras, vida mediada por telas, saudade, aprisionamento, primeira morte (dona Rosana), morte dos artistas, outras mortes, tempo, aglomerações, amigos, uma conversa dentro da minha cabeça e encerramento (futuro) – a descrição das crônicas, com os respectivos títulos, está logo a seguir¹⁷.

Fechados os temas, eu tinha que pensar, então, na plataforma, no perfil. Primeiro eu precisava de um nome e uma identidade visual. Cogitei vários nomes e *Atravessamento* surgiu em uma conversa com uma amiga, que também foi responsável pela identidade visual. Em uma das primeiras crônicas que escrevi, ainda em uma fase muito experimental e embrionária, tinha a palavra “atravessar”, e, juntas, pensamos que algo que trouxesse essa ideia faria sentido. Após refletir sobre outros nomes, escolhi *Atravessamento* (@atravessamento_) por representar esse momento que estamos atravessando e também sendo atravessados por ele, mutuamente. Para a identidade visual, pesquisei algumas referências em outros perfis do Instagram que também compartilham textos, além de me inspirar em designs do site Pinterest. As cores azul escuro, cinza, azul claro, amarelo, preto e um toque de vermelho, tiveram inspiração na capa do álbum *The New Abnormal*, da banda *The Strokes*. Mariana Matias, uma amiga formada em Design de Produto, foi quem conseguiu juntar todas as minhas ideias e inspirações para criar a identidade visual do perfil. Para o design do nome, ela escolheu uma fonte que fosse “esticada”, dando a ideia de uma ponte, uma travessia. As cores foram escolhidas para dar um certo “incômodo”, representando uma espécie de melancolia e angústia. Mariana também criou uma arte que seria como um “abre”, uma “capa” do perfil. Nessa arte, temos um relógio, um astronauta boiando na água (representando como nos sentimos), a contagem dos dias da pandemia, uma frase de uma crônica que eu escrevi (e que acabou não entrando no trabalho depois) e os desenhos de um vírus. A inspiração dessa arte também foi com base no álbum *The New Anormal* e em algumas imagens encontradas no Pinterest.

Para escrever as crônicas, me referenciei em nomes como Eliane Brum – nos textos publicados em seu site chamado “Desacontecimentos” e também em seu livro “A vida que ninguém vê” –, Gregório Duvivier, Xico Sá, Carpinejar e nomes consagrados como Rachel

¹⁷ Eu também tinha escolhido falar sobre vacinas, inclusive já tinha escrito uma crônica sobre isso, mas era um assunto extenso demais, com muitas vertentes para serem tratadas, e eu não conseguiria abordar tudo em poucas linhas. Então, decidi incorporar o tema das vacinas em outras crônicas.

de Queiroz, Rubem Braga, Clarice Lispector, Paulo Mendes Campos, entre outros. Mas também segui minha própria criatividade e intuição para escrever, tentando deixar as marcas da minha escrita. Tentei explorar outras formas de escrever as crônicas, que não fossem, talvez, tão óbvias e diretas, como em “Perdas”, “Evitáveis” e “Uma conversa dentro da minha cabeça”. Fugindo um pouco do padrão das outras crônicas, em busca de variar um pouco os estilos.

As ideias para as artes de cada publicação foram surgindo conforme eu as escrevia. Na primeira crônica, a de apresentação e abertura do trabalho, em que explico o que ele é e qual seu objetivo, fiz um *stopmotion* mostrando que eu estava começando a escrever aquela história, ou sobre aquela história (da pandemia). Em um diário, escrevo “março de 2020”, que foi mais ou menos onde tudo começou, sendo o ponto inicial do meu trabalho, já que logo em seguida falo sobre nosso último dia sem quarentena. Na segunda publicação, “Despedida”, em que conto sobre o meu último dia antes da quarentena, usei um vídeo que eu fiz da exata situação que eu conto na crônica. Ainda bem que fiz esse vídeo. Fiz sem imaginar que ele seria usado depois.

Alguns amigos foram meus críticos. Eu mandava algumas crônicas para eles para saber se eu estava conseguindo passar o sentimento, se eles se identificavam com os assuntos e situações, se tinha algo para melhorar. Foi importante ouvir essas críticas e opiniões na construção do projeto. Muitas das artes também passavam pela visão de Mariana Matias, principalmente para ter a certeza de que eu estava conseguindo manter a identidade visual criada por ela. Já que, tirando a primeira arte – que ocupou 9 espaços do perfil, feita em mosaico –, todas as outras foram feitas por mim. Apenas as três primeiras (Atravessamento, Despedida e O Mundo de Máscara) tiveram ajuda de um amigo, Gabriel Reis, também designer, que colocou alguns elementos nas publicações que faziam com que elas se conectassem.

Para a sequência das publicações, decidi seguir uma linha temporal dos acontecimentos. Um “início, meio e fim”, um percurso da pandemia. Desde quando tudo começou, até agora, no momento em que encerrei as publicações. Por isso, a maioria das crônicas são escritas no passado, já que escrevi em 2021 sobre aquilo que aconteceu desde o começo de 2020. As crônicas que escrevi seguem alguns tipos básicos, sendo: crônica dissertativa, lírica, jornalística e histórica (EAD PUCPR, 2020). As crônicas dissertativas são aquelas em que trago um ponto de vista próprio sobre um determinado assunto. Nas líricas, há uma expressão de sentimentos e emoções. As jornalísticas são aquelas com viés

jornalístico, em que uso de notícias, dados e fatos para corroborar o assunto. E quase todas elas possuem um estilo histórico, em que conto e relembro situações passadas, como uma forma de rememorá-las e guardá-las.

Algumas crônicas foram postadas na descrição da publicação, porém, o Instagram possui uma quantidade de caracteres máximo. Para não limitar tanto a minha escrita, tendo em vista que a plataforma comporta apenas 2200 caracteres, precisei buscar outros artifícios para publicar as crônicas maiores. Usei do carrossel, que é uma ferramenta do Instagram que permite colocar até 10 fotos em uma mesma postagem. Assim, dividi o texto para que ficasse uma parte em cada imagem. Também explorei vídeos, alguns narrados e outros apenas com o texto. Na última crônica, optei por usar um recurso não muito aconselhável, mas para o meu perfil percebi que funcionaria: coloquei uma parte da crônica na descrição e uma outra parte nos comentários, que fica logo em sequência.

6.1 As crônicas e as artes do perfil

O trabalho foi concluído com 15 crônicas e uma arte individual que ocupou 9 quadrados do perfil. As crônicas foram pensadas para serem publicadas de três em três, ocupando uma fileira completa por vez. A ideia era que elas se relacionassem, no assunto, ou na arte. Para que ficassem organizadas e seguissem alguma lógica, para que o perfil ficasse com cada arte e assunto em seu devido lugar, era imprescindível que fossem postadas três em sequência.

Como o perfil do Instagram organiza as publicações de baixo para cima, é importante que o leitor comece também nessa ordem, para seguir a lógica dos acontecimentos. Porém, se ele, por acaso, preferir ler fora de ordem, as crônicas não deixarão de fazer sentido, já que elas também podem ser lidas individualmente. As crônicas são:

Atravessamento (mosaico): Essa arte é um “abre” do trabalho, marcando a identidade visual e também anunciando a data que eu começaria a postar as crônicas. Nela, existem elementos que representam a sensação de estar vivendo uma pandemia. Um relógio, que indica o quanto o tempo nos influenciava. Um astronauta boiando na água, que é um pouco do sentimento de estar “à deriva”, sem saber um o rumo que as coisas iriam tomar. No capacete dele, a contagem de dias que durava a pandemia (na época da postagem). Uma frase

que representava a falta de esperança por não saber quando tudo ia passar. E os desenhos de um vírus.

Atravessamento: Uma apresentação, em que falo sobre o trabalho, seu propósito e objetivo, além de explicar o seu nome e significado. A arte para essa publicação foi feita em *stopmotion*, no qual abro um diário e começo a escrever sobre a pandemia, a partir de onde tudo se iniciou.

Despedida: Nela eu conto sobre meu último dia antes da quarentena, uma despedida daquela vida sem saber que seria. Na arte, coloquei um vídeo que eu fiz exatamente do dia que contei na crônica, na estrada indo de Ouro Preto para Conselheiro Lafaiete.

O mundo de máscara: Quando começamos a usar máscara, foi quando, para mim, de fato, a ficha caiu. E a inserção desse novo acessório nos trouxe situações novas que nos colocaram em toda uma nova dinâmica social, que nos fizeram reaprender a conversar e a reconhecer as pessoas. Essa publicação é um desenho representativo, com um planeta terra usando máscara.

Oi, voltei: Depois de postar as três primeiras crônicas, precisei dar uma pausa nas postagens. E essa crônica é uma retomada, explicando a ausência e o novo rumo que o perfil tomaria a partir dali. Aqui, eu fiz um gif simples, apenas com o título.

Abraço: Nessa crônica eu falo sobre como nossa vida passou a ser resumida e mediada por telas, quando tudo ainda dependia delas: o trabalho, o lazer, o encontro com os amigos. E o quanto isso cansa e desgasta. Também reconheci sua importância, mas no final das contas, nada substitui um abraço. Essa era uma crônica que seria dividida em duas postagens, o texto começaria em uma e terminaria na do lado. As artes se complementariam também. Mas a crônica “Oi, voltei” precisou ser inserida e tive que adaptar o planejamento. Assim, deixei “Abraço” em uma publicação só. A arte é o título com uma folha de papel rasgada e a última imagem é um desenho de duas pessoas conversando à distância, representando a vida mediada por telas.

Infinitena: Aqui eu falo sobre o quão longa foi a quarentena e o que é ficar isolado, vivendo entre quatro paredes, e o quanto isso nos afeta. Todo o transtorno e as consequências geradas por uma vida longe de tudo que nos fazia feliz. O medo, a solidão, a ansiedade, são fruto dessa realidade vivida por tempo demais. Essa publicação é um vídeo narrado, com 3 minutos e 42 segundos, um pouco grande. A arte é uma gaiola com algumas palavras em volta que dizem respeito à crônica. A gaiola simboliza nosso aprisionamento, com a sensação de estar presos apenas vendo o mundo pelas frestas das redes sociais.

Rosana Aparecida Urbano¹⁸: Foi a primeira morte por Covid no Brasil. Foi uma mulher que cuidou de muitos e morreu precisando de cuidados. Na época, ainda pouco se sabia sobre a doença e não existiam vacinas. Era doméstica, sonhava em quitar o apartamento e morava em uma das áreas mais pobres da capital paulista, e foram essas as mais afetadas pelo vírus. Nessa publicação coloquei uma foto de dona Rosana, com algumas flores embaixo em uma espécie de homenagem.

Perdas: Uma listagem de vários nomes, idades e profissões de artistas que perdemos para a Covid. São muitos nomes, todos com muita história, conquistas, feitos, sonhos. De várias idades e lugares, cada perda doeu um pouco mais. Essa crônica é bem direta, deixando explícito os nomes de todos que se foram, dando nome aos números. Aqui, a arte com apenas o texto, quis deixar evidente os nomes, colocando-os em negrito.

Evitáveis: Encerrando a fileira que eu falo sobre as mortes e perdas que tivemos, essa crônica traz as histórias e os relatos daqueles que perderam pessoas queridas. Na maioria dos casos, se foram sem terem tempo de tomar a vacina, pela demora na compra. Eram mortes evitáveis, que muito provavelmente ainda estariam aqui se o governo fosse responsável e tivesse adquirido as doses antes. Para essa postagem, coloquei uma foto das covas sendo abertas por escavadeira, mostrando a dimensão do número de mortes que tivemos. Muitas delas, evitáveis.

Uma conversa dentro da minha cabeça: Essa crônica foge um pouco do estilo das outras. Foi uma das primeiras que eu escrevi, bem no começo do trabalho. Nela, acontece uma conversa interna, em que me questiono se eu teria pegado o vírus em algum momento, relembrando cada passo dado em uma ida ao supermercado. Acredito que essa conversa passou pela cabeça de muita gente durante esse tempo. Esse medo constante de não saber se pode ter se encontrado com o vírus em algum momento. Nessa publicação também fiz um videozinho narrado, como se fosse, de fato, uma conversa interna. A arte é uma menina sentada no chão com alguns pensamentos rondando sua cabeça.

Tempo: Foi algo que pesou bastante em nós, principalmente pelo tempo que tivemos que viver em meio a isso tudo. Teve dias que ele castigou um pouco mais, parecendo passar tão devagar. Outros dias ele parecia passar tão depressa que mal podíamos assimilar tudo que acontecia. Essa publicação é um relógio passando o tempo de forma infinita.

Aglomerações: Foi um dos grandes problemas da pandemia. Mas não falo das aglomerações em que as pessoas não tinham escolha, falo daquelas que podiam ficar em casa

¹⁸ <https://inumeraveis.com.br/rosana-aparecida-urbano/>

e não ficaram. Sabemos que muito do colapso que vivemos também tiveram as aglomerações como responsável. Pessoas indo em festas mesmo quando ainda não tínhamos vacinas, sem máscara ou qualquer proteção. O vírus se espalhava facilmente nessas situações, até mesmo encontro menores entre família. Muitos não respeitaram, e tivemos consequências. Para essa publicação usei duas artes, uma apenas com o título, com as palavras separadas brincando com a ideia de aglomeração. Na segunda, eu trouxe algumas notícias que mostram o impacto que elas tiveram na pandemia.

Saudade: Começando a última fileira, agora falo sobre a saudade. Deixando um pouco os assuntos pesados. A saudade foi um dos sentimentos mais presentes, acredito eu. Junto com o medo. Dois opostos coexistindo em nós. Nessa crônica, perguntei aos meus amigos do que eles mais sentiam saudade e qual a primeira coisa que gostariam de fazer quando tudo acabasse, e as respostas foram bem parecidas. Eles sentiam saudade de sair, de dançar, de ver os amigos, de ir a um estádio. Coisas simples, corriqueiras, e que nos fizeram muita falta. Na arte, coloquei alguns prints de respostas que meus amigos me deram.

Amigos: Essa é uma crônica de agradecimento àqueles que não soltaram a nossa mão. Sem eles, os amigos, seria ainda mais difícil conseguir atravessar esses anos de pandemia. Juntos, compartilhamos muitas dores, medos, nos damos apoio, e nos reerguemos.

Futuro: Eu falei sobre o passado, sobre o presente, e na última crônica eu quis falar sobre o futuro, sobre perspectivas, sobre as consequências futuras. É muito difícil ser otimista, mas eu não quis ser completamente pessimista. Eu quis encerrar com um pouco de esperança, mesmo sabendo que é complicado cultivá-la nesses tempos. A gente precisa dar um respiro, voltar a viver um pouco, com cuidado, agora que estamos vacinados. Não há psicológico que aguente tanto tempo isolado. Mas o futuro ainda é incerto, e precisamos saber disso. Nos preparar para qualquer coisa que possa vir a seguir.

7. ANÁLISE DE RESULTADOS

Quando pensei em fazer um TCC sobre a pandemia, já estávamos há quase um ano nela. Isso porque, o meu produto inicial seria um documentário sobre mulheres sobreviventes a relacionamentos abusivos e violência doméstica. Quando a pandemia começou, lá em março de 2020, as aulas foram suspensas, mas continuei meu trabalho de pesquisa sobre machismo, feminismo, violência e o gênero documentário, mantendo minhas reuniões com o professor Ricardo. Porém, conforme o tempo passava, ficávamos nos questionando se seria possível fazer um documentário, no modelo que estava propondo, em meio a uma quarentena, quando ainda não existia sequer um vislumbre das vacinas. Seria inviável e até arriscado (e contra indicado) que eu fosse até a casa das pessoas ou mesmo na rua para filmar. Com o final do ano se aproximando e junto com ele as aulas remotas, decidimos que seria melhor mudar de produto. Decidi, então, que falaria sobre aquilo que estávamos vivendo naquele momento, para deixar registrado tudo que estávamos passando e sentindo. Uma situação completamente atípica e que nos atravessou profundamente.

Foi então que comecei a estudar sobre o gênero crônica e também a escrever o material para o TCC 1. Foram alguns meses lendo, estudando, conhecendo autores, pensando em referências, me aprofundando na crônica. Nessa época, também já tinha começado a escrever algumas crônicas como esboço, treino, teste e rascunho. Provavelmente, no total, eu escrevi por volta de 30 crônicas, mas somente 15 realmente entraram no trabalho. As outras foram sendo descartadas conforme o projeto avançava.

No meio do caminho, enfrentei diversas dificuldades. Preciso admitir que a pandemia e tudo que conto nas crônicas, de fato, pesaram em mim. Foi complicado lidar com tudo que estávamos vivendo e ainda ter forças para falar sobre isso, entrar de cabeça no assunto e ser produtiva. Com o passar do tempo, foi ficando mais difícil. Também enfrentei alguns problemas materiais, nesse um ano de produção do trabalho, fiquei sem notebook algumas vezes, e isso me prejudicou muito em relação ao tempo que eu tinha para produzir. Foram momentos ruins em que pensei que não conseguiria terminar. Após a postagem das três primeiras crônicas, precisei trancar a matéria para conseguir organizar tudo. Naquele mês, em julho de 2021, eu ainda não tinha todas as crônicas prontas e revisadas com suas respectivas artes. O plano era fazer tudo de uma semana para outra, mas o tempo era apertado demais para conseguir terminar a tempo de postar logo na outra semana. Então, preferi dar uma pausa para conseguir deixar tudo adiantado para as publicações.

Fiz e refiz o cronograma de publicações diversas vezes, tentando adaptar aos limites de tempo que eu tinha, junto com o tempo que o professor Ricardo levaria para fazer as correções e apontamentos. No final das contas, não consegui seguir nenhum cronograma pré-estabelecido de forma exata, porque sempre acontecia alguma coisa que atrapalhava os planos. Então, comecei a postar assim que as três crônicas da fileira terminavam de ser revisadas e as artes estavam prontas.

Mesmo o cronograma dando errado, para fazer as postagens, eu pesquisei quais eram os melhores dias e horários para publicar no Instagram. De acordo com uma imagem da *Sprout Social*¹⁹, os horários que davam maior engajamento eram quarta-feira às 11h e sexta-feira às 10h e 11h, além de alguns outros horários adjacentes (que foram os que eu mais usei). Seguindo essa escala, eu conseguia ter uma ideia dos melhores horários e dias para fazer as postagens. Mesmo quando o cronograma dava errado e eu precisava fazer as publicações, eu tentava seguir essa imagem de engajamento. Na maioria das vezes, eu escolhi postar ou nas quartas-feiras à tarde, entre às 16h e às 18h, ou nas sextas. Em muitos lugares eu também vi especialistas dizendo que esses horários não são os mesmos para todos os perfis, que os horários mudam de acordo com cada perfil, cada um tem seu melhor horário para postar. Então, esses horários da imagem não eram uma verdade absoluta.

Para ajudar a organizar as publicações de uma forma que eu conseguisse ver, antes de postar, como elas ficariam na página principal do perfil, usei o aplicativo de celular *Preview*. Ele permite que você veja exatamente como ficará o perfil com as publicações. Você pode mudar de lugar, trocar as imagens, enfim, várias alternativas que possibilitam ter uma ideia de como ficará o *feed* de verdade. Para fazer as artes, usei um site bem simples, o Canva. Nele você encontra diversas opções pré-prontas de layout, de cores, de imagens, letras. É bem fácil de usar e auxilia muito quem não tem tanta experiência com design. Me ajudou bastante com as artes, as publicações, já que design não é algo que eu domino tão bem e que não poderia me tomar tanto tempo. Para os vídeos e as narrações, usei o aplicativo CapCut, também muito simples e didático, que me ajudou muito com o que eu precisava fazer, como narrar e colocar música de fundo.

Uma questão é que eu percebi que é realmente muito difícil trabalhar com o Instagram. A plataforma praticamente não entrega o conteúdo, nem mesmo para as pessoas que te seguem. As publicações que eu fiz quando criei o perfil tiveram resultados satisfatórios de interação, mas conforme eu publicava as outras fileiras (claro, pensando que as três

¹⁹ <https://herospark.com/blog/melhor-hora-para-postar-no-instagram/>

primeiras eu publiquei em julho e as outras somente em dezembro), o engajamento só diminuía. Eu perguntava a alguns amigos e seguidores se as publicações apareciam no feed e eles diziam que não. Um dos resultados que percebi foi esse, que é realmente complicado manter um perfil no Instagram, pois não é uma plataforma que ajuda a divulgar o conteúdo, principalmente quando você está começando e quando ele é feito em texto. Além disso, a rede social atualiza sempre, e isso bagunça todos os algoritmos. Inclusive, depois da fama do *TikTok*, o Instagram começou a investir mais em audiovisuais, e os outros tipos de conteúdo passaram a ser considerados obsoletos. Até mesmo aqueles criadores que já tinham uma certa relevância na plataforma, tiveram que se reinventar e voltar suas publicações para os vídeos, principalmente o *Reels*.

Uma outra questão que eu notei é que muitas pessoas possuem pouco ou nenhum interesse nesses conteúdos, é algo muito nichado. Não é qualquer pessoa que vai realmente se interessar em parar para ler, tendo em vista que as redes sociais entregam muito mais conteúdos mastigados e de fácil consumo. A tendência é que as pessoas percam cada vez mais o interesse por conteúdos que não sejam fáceis de serem consumidos.

Mesmo com todos esses empecilhos e dificuldades, o objetivo final do meu trabalho não era, de fato, viralizar ou conseguir um número muito grande de seguidores e de curtidas. Embora não fosse algo ruim se acontecesse, não era o objetivo. Não me preocupei muito em criar estratégias de Marketing para gerar engajamento, por exemplo. A única coisa que eu fazia era publicar nos *stories* do próprio perfil as publicações recentemente postadas, para que os seguidores vissem (o Instagram, normalmente, entrega mais os conteúdos dos *stories* que os do *feed*), e também publicava no meu perfil pessoal para que meus seguidores vissem que tinham crônicas novas. Porém, a plataforma também não costuma entregar *stories* de conteúdos compartilhados do *feed* ou do perfil de outras pessoas. Normalmente, priorizam o que é postado diretamente no *story*. Tudo isso que estou dizendo é baseado em observações próprias, de acordo com a experiência pessoal que eu tive com o perfil.

Sobre a produção das crônicas, foi algo que precisei trabalhar muito. Escrevi algumas que acabaram não entrando no trabalho final porque eram muito pessoais ou muito duras. Algumas muito tristes e pesadas, demonstrando uma certa revolta ou confissão pessoal. Tive um pouco de dificuldade de “olhar para fora” da minha própria vivência, tendo em vista que eu era basicamente a minha única perspectiva. Aos poucos, fui trabalhando mais meu olhar para o mundo, para outras pessoas e situações, mesmo que por meio das telas, das notícias e das publicações nas redes sociais. Também tive muito medo que as crônicas ficassem muito

mais informativas do que afetivas, então tive que me esforçar para conseguir manter um equilíbrio.

Uma das minhas grandes dificuldades foi justamente essa, de escrever crônicas sobre sentimentos tendo as minhas vivências e de alguns amigos como parâmetro. Eu sentia um determinado limite em relação ao que eu conseguiria abordar. Medo de ser pessoal demais e as pessoas não se identificarem, ou de ser impessoal demais, fria ou até muito jornalística e informativa. Foi difícil achar um equilíbrio. O que eu conseguia falar, na maioria das vezes, era justamente sobre essas minhas inquietações, dessa vida mediada por telas, em aprisionamento, das saudades, coisas que perpassavam por mim. Mas consegui perceber, afinal, que minhas inquietações eram também as de outras pessoas.

Depois que fechei os temas, escrevi na ordem que eu havia estabelecido para publicar. Então eu me dedicava separadamente para cada uma. Separava alguns pontos que eu gostaria de tocar, frases que eu poderia escrever, pensava em como eu gostaria de terminar a crônica e em como eu escreveria o gancho para chegar a esse final. Eu lia reportagens, procurava sobre o assunto no Twitter ou no Instagram, entendia minhas próprias aflições e tentava trazer um pouco de tudo. O professor Ricardo, posteriormente, também auxiliava com algumas ideias e apontamentos, e ajeitando um pouco aqui e ali, nascia a crônica.

Outra dificuldade foi a de falar sobre assuntos tão abrangentes, que são um sentimento como um todo. Cabem tantas coisas dentro deles, tantos vieses, que foi difícil encontrar um rumo. Muitas das crônicas não foram escritas de uma situação particular e específica vivida ou observada – como muitas crônicas, geralmente, são – mas de algo geral, coletivo. E dentro desses assuntos e temas, existem milhões de particularidades e especificidades, cada pessoa possui uma visão e uma vivência diferentes e subjetivas. Escrever algo que conseguisse tocar – ou pelo menos esbarrar – na maioria das pessoas, também foi algo difícil.

Sei que não consegui abordar todos os assuntos e sentimentos que se fizeram presentes na pandemia e que também foram muito importantes. Eu precisei traçar um parâmetro e não sair dele, porque seria praticamente impossível conseguir abranger tudo de forma satisfatória. Até porque, a cada dia que passava, novas questões iam surgindo. Além disso, eu escrevi as crônicas a partir do meu privilégio, de alguém que teve todo o aparato para continuar (sobre)vivendo. Os textos possuem um recorte de uma pessoa de classe média que não passou, nem de longe, metade das dificuldades que outras pessoas enfrentaram. Famílias pobres, pessoas que perderam o emprego e que passaram muita dificuldade, por

exemplo, que foram infinitamente mais atingidas pela pandemia, e de outras formas. Meu trabalho possui o recorte desse privilégio.

No fim das contas, fiquei satisfeita com o resultado. Acredito que eu tenha conseguido expressar um pouco do que todos sentimos (por meio dos meus olhos) nesses tempos pandêmicos. Acho que esse trabalho poderá servir como uma referência no futuro quando se tratar de pandemia. Foi um recorte intimista, afetivo, ao mesmo tempo geral, sobre situações que todos vivemos. A experiência de escrever crônicas no Instagram também serviu para mostrar que é possível adaptar esse gênero a outros formatos, enriquecendo-o com outros elementos e mídias e assim, encontrando abrigo nessa plataforma. Por mais que ela venha, cada vez mais, se direcionando para o audiovisual, o gênero textual tem resistido nesse meio, conseguindo se adequar aos novos padrões. Os escritores e cronistas, assim como eu fiz em algumas crônicas, também usam do audiovisual para compartilhar seus escritos. Ainda é possível escrever no e para o Instagram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGÊNCIA LUSA. Veja a cronologia dos principais acontecimentos desde o início da pandemia de coronavírus. **Correio da Manhã**, 16/03/2020. Disponível em: <https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/veja-a-cronologia-dos-principais-acontecimentos-desde-o-inicio-da-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 02/01/2022.
- AGRELA, Lucas. De onde veio a covid-19? 5 mistérios sobre o novo coronavírus. **Exame**, 05/03/2021. Disponível em: <https://exame.com/ciencia/de-onde-veio-a-covid-19-5-misterios-sobre-o-novo-coronavirus/>. Acesso em: 12/12/2021.
- AMARAL, Heloísa. Questão de gênero : o gênero textual crônica. **Escrevendo o futuro**, [s/d]. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1235/questao-de-genero-o-genero-textual-cronica>. Acesso em: 26/01/2021.
- BENDER, Flora Christina; LAURITO, Ilka Brunhilde. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.
- CANDIDO, Antonio. **A crônica** : o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e Literatura** : A sedução da palavra. 18ª ed. São Paulo: Escrituras, 2002.
- CARVALHO, Marco Antônio. Brasil tem segundo dia com mais de 4 mil mortes por Covid-19 em 24 horas. **Estadão**, 08/04/2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-tem-segundo-dia-com-mais-de-4-mil-mortes-por-covid-19-em-24-horas,70003675363>. Acesso em: 18/12/2021.
- CORONAVÍRUS: desde o primeiro caso às suspeitas no Brasil. **Diário da Amazônia**, Rondônia, 29/01/2020. Disponível em: <https://www.diariodaamazonia.com.br/coronavirus-desde-o-primeiro-caso-as-suspeitas-no-brasil/>. Acesso em: 10/12/2021.
- COELHO, Marcelo. Notícias sobre a crônica. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e Literatura** : A sedução da palavra. 18ª ed. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 155-162.
- EAD PUCPR. O que é crônica: características, tipos, como fazer e exemplos. **EAD PUCPR**, 23/10/2020. Disponível em: <https://ead.pucpr.br/blog/o-que-e-cronica>. Acesso em: 29/12/2021.
- ESTADO DE MINAS. Há um ano, Bolsonaro chamava COVID de gripezinha em rede nacional; relembre. **Estado de Minas**, 24/03/2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/03/24/interna_politica,1250005/ha-um-ano-bolsonaro-chamava-covid-de-gripezinha-em-rede-nacional-relembre.shtml. Acesso em: 29/12/2021.
- GAMEIRO, Nathália. Depressão, ansiedade e estresse aumentam durante a pandemia. **Fiocruz Brasília**, 13/08/2020. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/depressao-ansiedade-e-estresse-aumentam-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 02/01/2022.

GARCIA, Luis Eduardo Veloso. **A crônica contemporânea brasileira e seus novos espaços**. 2018. 234p. Tese de Doutorado (Pós-Graduação em Estudo Literários) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018.

LELLIS, Leonardo. CPI da Pandemia causou impacto político, mas resultado jurídico é incerto. **Veja**, 24/12/2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/cpi-da-pandemia-causou-impacto-politico-mas-resultado-juridico-e-incerto/>. Acesso dia: 29/01/2022.

MELO, José Marques de. A crônica. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e Literatura** : A sedução da palavra. 18ª ed. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 139-154.

MENEZES, Rogério. Relações entre a crônica, o romance e o jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e Literatura** : A sedução da palavra. 18ª ed. São Paulo: Escrituras, 2002. p.163-171.

MOISÉS, Massaud. A crônica. In: MOISÉS, Massaud. **A criação literária** : prosa II. 19ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003. p.101-120.

PEREZ, Luana Castro Alves. Os cinco cronistas mais importantes da literatura brasileira. **Brasil Escola**, [s/d]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/os-cinco-cronistas-mais-importantes-literatura-brasileira.htm>. Acesso em: 26/03/2021.

PESQUISADOR estima em 400 mil as mortes evitáveis por Covid no Brasil. **R7**, 24/06/2021. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/pesquisador-estima-em-400-mil-as-mortes-evitaveis-por-covid-no-brasil-24062021>. Acesso em: 30/01/2022.

PIZA, Mariana Vassallo. **O fenômeno no Instagram** : considerações sob a perspectiva tecnológica. 2012. 44p. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2000.

PRUDENCIANO, Gregory; BARCELLOS, Renato. 'Mortes evitáveis', 'falta liderança': as frases de Hallal e Werneck à CPI. **CNN Brasil**, São Paulo, 24/06/2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/mortes-evitaveis-falta-de-lideranca-as-frases-de-hallal-e-werneck-a-cpi/>. Acesso em: 28/12/2021.

RAMOS, Penha Élide Ghiotto, Tuão; MARTINS, Analice de Oliveira. **Reflexões sobre a rede social Instagram**: do aplicativo à textualidade. Revista Texto Digital, Florianópolis, v. 14, n. 2, jul/dez 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2018v14n2p117/38182>. Acesso em: 09/04/2021.

ROCHA, Lucas; LOPES, Leonardo. Pandemia de Covid-19 provoca aumento global em distúrbios de ansiedade e depressão. **CNN Brasil**, São Paulo, 09/10/2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pandemia-de-covid-19-provoca-aumento-global-em-disturbios-de-ansiedade-e-depressao/>. Acesso em: 02/01/2022.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6. ed. São Paulo: Ática 1985.

SANAR. Linha do tempo do Coronavírus no Brasil. **Sanar Saúde**, 2020. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: (a publicação inicial, de 03/2020, recebeu atualização periódica e cobre a linha do tempo até maio de 2021).

SILVA, João Miguel Pereira da. **Estratégias comunicacionais no Instagram** : Um estudo de caso sobre práticas dos *influencers* portugueses. 2007. 56p. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologia da Informação) – Departamento de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa.

VARGAS, Mateus. Demora para comprar vacina e ‘obstáculos’ de Bolsonaro dificultam chegada de imunizante da Pfizer. **Estadão**, 30/12/2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,demora-para-comprar-vacina-e-obstaculos-de-bolsonaro-dificultam-chegada-de-imunizante-da-pfizer,70003566071> Acesso em: 01/12/2021.